ELISA FERNANDES DE SOUSA ROCHA

EDUCAÇÃO SEXUAL E TELENOVELA
LIBERAÇÃO OU DETERMINISMO IDEOLÓGICO?

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná.

CURITIBA
1987

EDUCAÇÃO SEXUAL E TELENOVELA

LIBERAÇÃO OU DETERMINISMO IDEOLÓGICO?

por

ELISA FERNANDES DE SOUSA DA ROCHA

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná, pela Comissão formada pelos professores:

_____

_____

_____

Curitiba, _____ de _____ 1987.

Orientadora:

Prof.ª Doutora ONILZA BORGES MARTINS

DEDICATÓRIA

Para

Elvira
Fernandes
Marcos
Maurício
Glória
e
Rafaela

AGRADECIMENTOS

Quero expressar gratidão e amor aos meus familiares, amigos e professores aos quais rogo para que não se desfaçam os laços da amizade e do companheirismo, em alguns momentos muito significativos:

ONILZA BORGES MARTINS - pela abnegação
MARIA AMÉLIA ZAINKO - pela compreensão
LAURO DA SILVA BECKER - pela confiança
LUÍS RENATO BUZATTO - pelas idéias.

LISTA DE QUADROS

QUADRO I - Atitude diante dos Métodos de Limitação de Filhos 67

QUADRO II - Adesão à Política Governamental de Limitação da Natalidade 68

QUADRO III - Motivos de Aprovação de Uso de Métodos Anti-Concepcionais 68

QUADRO IV - Favorabilidade ao Uso de Pílulas 69

QUADRO V - Evolução da Natalidade por Faixa de Renda ... 71

QUADRO VI - Cronologia das Iniciativas Governamentais e Privadas Relativas à Natalidade no Brasil ... 101

QUADRO VII - Número de Filhos das Personagens Principais ou Secundárias de Telenovelas levadas ao Ar pela TV-Globo, durante o Período de 1974 a 1984 103

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA iv

AGRADECIMENTOS v

LISTA DE QUADROS vi

SUMÁRIO vii

RESUMO ix

INTRODUÇÃO

1 - APRESENTAÇÃO 1

2 - FORMAÇÃO DO PROBLEMA 3

3 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS 4

CAPÍTULO I

COMUNICAÇÃO DE MASSA

1 - A MASSA E A CULTURA 7

2 - NATUREZA E FUNÇÕES DA COMUNICAÇÃO DE MASSA 11

3 - EFEITOS SOCIAIS DA COMUNICAÇÃO DE MASSA 14

4 - COMUNICAÇÃO E IDEOLOGIA 18

5 - TELEVISÃO E IDEOLOGIA 23

5.1 - O Padrão da "Globo" 33

6 - A TELENOVELA E IDEOLOGIA 37

CAPÍTULO II

EDUCAÇÃO SEXUAL NO BRASIL

1 - A SEXUALIDADE E A SOCIEDADE 49

2 - BASES ANTROPOLÓGICAS DA SEXUALIDADE HUMANA 53

3 - EDUCAÇÃO SEXUAL NO BRASIL 61

4 - PLANEJAMENTO FAMILIAR 67

CAPÍTULO III

TELENOVELA E SEXUALIDADE

1 - OS NOVOS COSTUMES 82

2 - PLANEJAMENTO FAMILIAR E TELENOVELA 101

CONSIDERAÇÕES FINAIS

NOTAS DE REFERÊNCIAS 116

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 122

RESUMO

A ação intervencionista da televisão na propagação de novos valores e atitudes relacionados ao comportamento sexual da população e, em específico, às necessidades nacionais de limitação da natalidade, é tratada nesta dissertação sob perspectiva histórico-crítica, situando sobretudo a telenovela brasileira e seus conteúdos ideológicos no contexto das mudanças.

Mediante revisão de literatura que aborda aspectos interrelacionados da questão sexual humana num país em crise sócio-político-econômica como é o Brasil desde o período posterior ao conclamado *"milagre brasileiro"*, tais como a questão da massificação da cultura via meios de comunicação às massas, o poder de ideologia na preservação e consolidação dos interesses das classes e nações dominantes e a educação sexual no Brasil e seus constantes fracassos e poucos avanços, a análise tenta desvelar os reais interesses contidos nos textos das telenovelas e que, no trato das relações sociais em época profundamente conturbada, como foi o período de 1974 a 1984, tratam os temas da sexualidade humana de conformidade evidente com exigências estrangeiras de se controlar a natalidade no País.

O que resulta do estudo, então, é a evidência da ideologia da família pequena, passada às vezes subliminarmente, mas invariavelmente através da representação sempre equilibra-

da e feliz da família de classe média alta, inteligente, culta, bem tratada, bonita, atraente e bem sucedida.

A questão da libertação da mulher também é questão central do trabalho e nele é revista desde os períodos históricos de franca repressão sexual até o presente momento de também franca permissividade, ambas fatores poderosos de precária liberdade nas relações sexuais e amorosas. Conclui-se daí que a liberdade sexual é parte intrínseca da liberdade como um todo.

RÉSUMÉ

L'action interventioniste de la télévision dans la diffusion de nouvelles valeurs et attitudes relatives au comportement sexuel de la population et, em particulier, les besoins nacionaux de limitation de la natalité, est envisagée sous une perspective historico-critique plançant surtout le feuilleton brésilien et ses contenus idéologiques dans le contexte des changements.

A travers la révision de la littérature concernant les aspects engagés de la sexualité humaine dans un pays en crise socio-politique-économique comme le Brésil depuis la période qui se suit au nommé "miracle brésilien", tels que la question de la massification de la culture à travers les moyens de communication de masses, le pouvoir de l'idéologie dans la préservation et la consolidation des intérêts des couches sociales et des nations dominantes et l'éducation sexuelle au Brésil et ses fréquents échecs et peu de développement. L'analyse essaie de découvrir les intérêts réels contenus dans les textes des feuilletons dans le domaine des relations sociales dans une époque profondement bouleversée comme á été la période de 1974 à 1984, envisageant les sujets de la sexualité humaine selon les exigences étrangères de contrôler la natalité dans le pays.

Le résultat donc de cette étude est l'évidence de

l'idéologie de la petite famille passée quelquefois imperceptiblement mais invariablement à travers la representation toujours équilibrée et heureuse de la famille de couche sociale moyenne, intelligente, cultivée, bien soignée, belle, atrayante et ayant abouti au succès.

La question de la liberation de la femme est aussi une question centrale du travail et est revue depuis les périodes historiques de franche repression sexuelle. Jusqu'à présent où ce qui prédomine est la franche permissivité toutes les deux des facteurs puissants de la précaire liberté dans les rélations sexuelles et amoureuse. On déduit que la liberté sexuelle fait partie intrinsèque de la liberté comme un tout.

INTRODUÇÃO

As novas verdades se preparam nas catacumbas das opressões.

A. Saint - E'xupéry

INTRODUÇÃO

1 - APRESENTAÇÃO

A necessidade de uma modificação radical das condições sexuais de vida tem permeado insistentemente o pensamento social brasileiro nos últimos anos.

Provas incontestes desse fato são as produções culturais destinadas às massas como o crescente número de revistas, livros, colunas jornalísticas, entrevistas em rádio e televisão sobre a vida sexual humana e suas relações com o desenvolvimento da felicidade pessoal e com a evolução do progresso econômico, político e social do País.

Quanto à educação sexual propriamente dita, esta tem resultado em constante fracasso diante dos entranhados temores e tabus que envolvem o fato sexual humano. Nos lares e nas escolas, esse tem sido um assunto mal trabalhado, limitando-se na maioria das vezes às constrangedoras advertências familiares sobre *"os perigos do sexo"* e às evasivas informações de caráter meramente biológico oferecidas em sala de aula.

Se até 1980 as emissoras de rádio e TV também desconheceram o assunto em sua totalidade real, daí por diante, com a propalada abertura política do Governo FIGUEIREDO, mudou em muito o panorama restritivo e repressor da educação sexual no

País via comunicação de massa. Ela própria passou a ser vista como um veículo altamente promissor quanto à possibilidade de se difundir uma ideologia direcionada para a obtenção de um comportamento populacional adequado à política demográfica, já há algum tempo voltada para a chamada *"paternidade responsável"* e claramente a favor da constituição de famílias pequenas.

Com o acesso da massa à cultura, antes privilégio de poucos, o panorama do País mudou quase repentinamente, resultando numa padronização da vida, do pensamento e do comportamento, veiculada pelos meios de comunicação às massas.

Indiscutivelmente, a televisão constitui o mais poderoso e persuasivo dos *"media"*, sendo-lhe possível invadir a intimidade pessoal e familiar a níveis altíssimos, destruir mitos, fabricar sonhos, criar fantasias e, finalmente, transformar o universo numa grande, porém controlável, aldeia.

A novela, especificamente, gênero televisivo de maior sucesso no Brasil justamente por propiciar ao público emoções e experiências que vulgarmente não tem, ao tratar da dramaturgia do amor tem discutido idéias sexuais de relevância formativa, sobretudo quanto à emancipação da mulher, à aceitação do prazer sexual, à igualdade entre os sexos, à legitimidade da masturbação, à questão do aborto e ao planejamento familiar.

Considerando que a telenovela influencia, pelo processo de identificação com as personagens, a vida de milhares de pessoas adultas e de outras tantas milhares em formação, e que faz parte, inevitavelmente, de um complexo contexto político, econômico e social em que a ingerência de poderes externos tem se mostrado irreversível e coercitiva, importa investigar aqui de que modo as telenovelas brasileiras, por atingirem direta-

mente as emoções populares e em horários de audiência plena, estão tratando a formação sexual das massas e quais as suas relações com o momento político contemporâneo por que atravessa o País em meio a crises múltiplas.

2 - FORMAÇÃO DO PROBLEMA

Nessa instância, nos propomos a precisar até que ponto a telenovela está influenciando a consciência das massas quanto à sua formação sexual. Estará ela a serviço de um projeto educativo de liberação ou da ideologia das classes hegemônicas?

Isto posto, escolhemos por **hipóteses** de trabalho:

2.1 - Hipótese 1

- A telenovela inculca atitudes sexuais compatíveis com o comportamento reprodutivo e ideologizado pela política econômica vigente.

2.2 - Hipótese 2

- A telenovela brasileira utiliza o sexo como elemento de consumo e em decorrência, acaba por empobrecer as relações de amor, despojando-as de real afetividade.

3 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A **análise crítica** de novelas levadas ao ar pela TV-GLOBO durante dez anos, período 1974-1984, terá por objetivo, neste estudo, desvelar algumas das muitas contradições inerentes a um país em desenvolvimento e que, por isso, se mantém vinculado por várias vias a nações já desenvolvidas.

Além da reflexão crítica, o trabalho se fundamentará na **análise documental** da política brasileira de educação sexual e planejamento familiar e do acordo financeiro Brasil X Fundo Monetário Internacional (FMI), dada a cláusula nele contida sobre planejamento familiar obrigatório e da contenção da densidade demográfica no País.

Também não se poderia deixar de fazer aqui a análise dos textos de novelas veiculadas pela TV-Globo no período 1974-1984 e inclusive das que, à época, sofreram censura prévia.

Outro elemento de decisiva importância para o trabalho foi nossa própria audiência às novelas transmitidas nos anos de 1982, 1983 e 1984.

CAPÍTULO I

COMUNICAÇÃO DE MASSA

"... é necessário uma representação muito invertida do poder para nos fazer acreditar que é de liberdade que nos falam todas essas vozes... que reuniram a formidável injunção de devermos dizer o que recordamos e o que foi esquecido, o que escondemos e o que se oculta, o que não pensamos e o que pensamos inadvertidamente".

FOUCAULT

CAPÍTULO I

COMUNICAÇÃO DE MASSA

1 - A MASSA E A CULTURA

Entende-se por **cultura** um corpo de valores, crenças, atitudes e formas de comportamento que se apresentam como um conjunto de elementos materiais e espirituais compartilhados por grupos de pessoas e sociedades. Consolida-se através do processo de socialização, é aprendida, transmitida e transformada durante as sucessivas gerações.

Ao longo de todo o processo, a cultura se modifica lenta ou rapidamente, determinada pela dinâmica da história nacional.

Nesse contexto as subculturas também têm papel importante, principalmente aquelas que se remetem a grupos étnicos, religiosos e regionais, dadas suas características muito próprias e em função das quais desenvolvem padrões específicos de comportamento.

Entretanto, o indivíduo não pode ser analisado isoladamente durante o desenvolvimento desses padrões, pois ele é parte de uma sociedade e é ela, em parte, responsável não só pelo seu comportamento, mas também pelo que efetivamente é ou pode tornar-se.

A sociedade se caracteriza, sobretudo, por constituir-se coletividade organizada, em cujo seio os indivíduos interagem conforme um sistema integrado de posições e papéis. É, portanto, estratificada.

A diversificação decorrente é conhecida como classe social, definida aqui por indivíduos de mesmas características sociais e que lhes permite estabelecer relações entre si, restringindo as relações com outros grupos pertencentes a outras classes sociais.

A observação das diferentes classes sociais durante seu quotidiano possibilita inferir que elas apresentam uma variável contínua, de acordo com a mobilidade, ou seja, a possibilidade de os indivíduos poderem ascender ou descender na escala social. Não passa desapercebido, também, que os indivíduos pertencentes a determinada classe social tendem a apresentar comportamento semelhante em relação às classes percebidas como inferiores e superiores e estas, por sua vez, agem da mesma forma. Apresentam semelhança quanto a traços de personalidade, valores e atitudes, linguagem e pensamento.

Assim, determinantes das classes sociais são as ocupações dos indivíduos, os valores e as crenças, as posses e os bens, o local de moradia, o tipo de educação, o estilo de vida, enfim.

Há, inclusive, unanimidade entre os sociólogos quanto à forma de classificar as diversas classes sociais:

. **classe alta superior** é a que detém os indivíduos que herdaram poder financeiro e que procuram enquadrar-se na aristocracia. É a elite social;

. **classe alta inferior** que se caracteriza por abranger altos executivos e proprietários, homens de negócios bem sucedidos, enfim, que pertencem a uma classe de alta mobilidade social com parentes de classe média em ascensão;

. **classe média superior** que engloba profissionais de nível acadêmico, cuja garantia de permanência ou ascensão no **status** em que se definem é determinada pela alta escolaridade;

. **classe média inferior** é representada pela família trabalhadora típica que respeita as normas e os valores vigentes;

. **classe baixa superior**, que se caracteriza pela presença de indivíduos engajados em empregos rotineiros para os quais se exige pouca ou nenhuma escolaridade;

. **classe baixa inferior**, que abrange indivíduos de nenhuma escolaridade, que recebem pouca informação e têm nível precário de entendimento. Sua capacidade de reflexão é extremamente limitada e não raro rejeitam a moral da classe média.

Embora as classes sociais se apresentem quase sempre estratificadas assim, há indicadores relevantes e concretos de uma tendência para englobar progressivamente a classe média

no contexto das classes inferiores. Estas sim, de acordo com a maior complexidade dessa assimilação, estariam sujeitas a outras classificações.

As análises econômicas têm, inclusive, demonstrado a acentuada e contínua perda do poder aquisitivo da classe média face ao desequilíbrio financeiro provocado pela política econômica do País nos últimos anos.

A classe média superior, que detém nível acadêmico alto, é a que serve de referência à classe média inferior e, na verdade, está nela englobada. E o que resta na estratificação social é uma altíssima percentagem da população em estado de miséria e analfabetismo total ou semi-analfabetismo.

Face às suas relações com a comunicação de massa, as diferentes classes sociais apresentam comportamentos até certo ponto diferenciados: a classe média é a que melhor responde aos meios de comunicação de massa, fazendo leitura de jornais, adquirindo revistas de grande circulação e revistas técnicas e assistindo a grande variedade de programas de televisão; a classe baixa tende a passar seu tempo livre frente ao aparelho de TV e, quando lê, faz leitura de jornais que tratam de crime e esportes ou revistas românticas.

O rádio é o veículo da comunicação preferido da classe baixa inferior, que tem na linguagem adotada o meio de comunicação mais adequado à sua auto-imagem.

2 - NATUREZA E FUNÇÕES DA COMUNICAÇÃO DE MASSA

Os meios de comunicação às massas parecem atingir toda essa complexa estratificação e quem os manipula tem perfeita consciência do enorme poder que detém nas mãos.

Na verdade, os MCM são intencionalmente dirigidos para apreenderem a atenção das diversas camadas da população que, por sua vez, devem dar uma resposta efetiva à publicidade veiculada através do aumento do consumo. Também se espera a aceitação passiva dos conteúdos ideológicos transmitidos.

Os intelectuais parecem reagir ao que consideram concepção vulgar ou popularesca veiculada nos conteúdos dos meios de comunicação de massa. Com referência à televisão, as críticas são bastante comuns:

"A TV é vasto terreno inculto",

"os programas são fracos, aborrecidos, superficiais, estereotipados, violentos e amorais".

Há, no entretanto, vários fatores explicativos para estes julgamentos tão negativos. Afirma Gerhard D. WIEBE: *a propósito, que nessas avaliações persiste a tradição moralista puritana e critérios de julgamento que se aplicam ao ensino e às belas artes*[1].

A elite, especificamente, rejeita os filmes *"de mocinho"*, os programas de calouros (Sílvio Santos), de arte popular (regionalistas, Chacrinha), de denúncia (Flávio Cavalcanti),

de debate (Hebe Camargo) porque, segundo se alega, são de qualidade inferior.

Argumenta-se, ainda, que a violência constitui o conteúdo de maior consistência em quase todos os programas veiculados pelas emissoras de TV.

A rejeição ocorre, no entanto, porque estes programas sofrem, na maioria dos casos, com dramas clássicos presentes na literatura e dramaturgia nacionais.

A possibilidade de ocorrerem efeitos importantes e construtivos tem sido sistematicamente rejeitada. WIEBE acredita que isto seja apenas um equívoco, pois *"existe um contraste agudo entre a orientação e as intenções do artista de um lado e as do comunicador do outro".*[2]

Insiste-se que características de arte estão presentes na comunicação de massa e características da comunicação de massa também o estão na arte, embora não se misturem e conservem-se como fenômenos puros. E é dessa forma que devem ser observados.

O artista se acredita resultado de uma tradição, da qual sua criatividade se alimenta. Sua criação é comumente, um ato solitário. Se vai ou não agradar a massa é para ele questão de pouca importância. O que quer é apenas uma oportunidade para exibi-la e, para isso, espera quanto for preciso. Além disso, não está comprometido com a opinião pública, O comunicador, ao contrário, está comprometido com o receptor, com o qual realmente se vê obrigado a efetivar a comunicação.

A essência da comunicação é, na verdade, a interação entre aquele que emite a mensagem e o que a recebe. O recebedor haverá de recriar o significado dado anteriormente à comunicação.

Ao menos aproximadamente, o comunicador terá de reproduzir no processo perceptivo do recebedor, o seu próprio processo perceptivo que ele, de forma simbólica, colocou na mensagem. Nessa operação, terá que se adaptar às capacidades do recebedor e certamente essa é operação difícil, que se amplia gigantescamente quando esta adaptação deve ser feita a uma população inteira.

Os recebedores elucidam a mensagem por necessidade, ou por motivação ou, ainda, por coação. De qualquer modo, são sempre conduzidos a pensar ou investigar a fim de decodificar a mensagem e reconstruir seu significado. Os sinais, ou a reação do receptor à sua mensagem, é que vão orientar a comunicação real. A pergunta é: o que espera ou necessita o público?

3 - EFEITOS SOCIAIS DA COMUNICAÇÃO DE MASSA

A comunicação é contemporânea, social e utilitária. Não há necessidade de conteúdos elitistas para que se lhe assegure sucesso. O que se deve evitar é julgá-la pelos mesmos critérios com os quais se julga as artes. O melhor critério é, sem dúvida, o ter havido ou não comunicação.

Na maioria das vezes, pessoas que ouvem ou assistem programa de música erudita fazem-no simplesmente para manter o **status** e não para recriarem a obra dos grandes compositores. A própria emissora usa estratégia específica na veiculação desses eventuais programas: geralmente são oferecidos antes de um outro programa de grande audiência, cujo público, por mero comodismo, permanece no mesmo canal, enquanto aguarda seu programa favorito.

Neste caso, o que se faz é distribuir a arte, mas nada se comunica. E essa é uma das questões cruciais para a compreensão dos MCM. Na verdade, a criação do grande artista tornou-se uma experiência aborrecida para milhões de telespectadores e ouvintes. Para uma sociedade de massa e de consumo, há que se produzir uma cultura também de massa, destinada a atingir milhões de indivíduos. Terá que ser padronizada e capaz de "fazer a sua cabeça". Desse modo, o comunicador terá de buscar forçosamente o gosto médio, que poderá ser satisfeito com os programas de televisão de qualidade média.

Chegamos, então, a outra questão básica: quais seriam as necessidades e impulsos dos homens que compõem a atual sociedade e o que os levariam a reagirem de forma subliminar aos estímulos dos MCM, sem qualquer distinção de nível social, cultural, econômico, político e educacional?

Dessa questão promanam outras tantas: haverá comunicação efetiva? Como saber se a totalidade dos conteúdos dos *"mass media"* populares têm para o público o significado que os comunicadores pensam ter lhe dado? Será que os recebedores estão lhe dando a atenção desejada? Afinal, é bastante comum assistir-se programas de rádio e TV, enquanto se conversa ou se faz alguma tarefa doméstica. Sabe-se também que assistir TV, ouvir rádio, ler jornal, constitui, muitas vezes, mera fuga dos conflitos diários.

WIEBE chama atenção para *"um comportamento aparentemente irracional que se revela motivado quando o vemos no contexto mais amplo da percepção que o sujeito tem do seu ambiente."* [3] Na verdade, esse comportamento preenche uma necessidade e alguma coisa em seu conteúdo o torna preferível a qualquer outra atividade. E esse conteúdo é determinado pelo gosto popular. Se o programa não tem IBOPE, é imediatamente retirado da programação.

Empreendimentos de cunho empresarial floresceram a partir dos anos 50 com a introdução da televisão na cidade de São Paulo e sua expansão para o Rio de Janeiro (1951), Belo Horizonte (1955) e Porto Alegre (1959). Surgem as telenovelas e as revistas de fotonovelas (*"Grande Hotel"*, em 1951, e *"Capricho"*, em 1952) que, no início, traduziam as estórias produzidas pela matriz italiana. Surge o cinema nacional (Vera Cruz) e revistas

como Manchete (1953), que passaram a substituir os semanários tradicionais, como *"Revista da Semana"*, que datava do começo do século. Surge também a Associação Brasileira de Agências de Propaganda (1958), com o lançamento de revistas especializadas como *"Propaganda"* (1956).

O IBOPE começa em 1944 pesquisa de audiência para algumas emissoras de rádio, estendendo-se em 1954 para a TV. E, em 1959, outra empresa, a MARPLAN (Empresa Nacional de Organização e Pesquisa) é instituída. Tem início aí o crescimento irreversível da publicidade nos meios de comunicação. O capital não é mais só capital das empresas comerciais, mas é acrescido do capital estrangeiro através das multinacionais e do grande capital nacional.

Em conseqüência, desenha-se no panorama cultural brasileiro e de 1950 a 1960 o desenvolvimento da arte erudita e de uma cultura orientada politicamente. Surgem o Museu de Arte de São Paulo - MASP, o Museu de Arte Moderna - MAM, o Teatro Brasileiro de Comédia, a Bienal de Artes Plásticas e o Teatro de Arena, simultaneamente à produção de cultura determinada por uma sociedade que se industrializa e integra formas mercadológicas dessa mesma cultura.

A própria televisão não desenvolveu, nessa época, uma estrutura compatível com a cultura de massa. Caracteriza-se a falta de planejamento, a irracionalidade e a falta de lógica do mercado, o que impediu a plena comercialização da cultura. É essa uma fase amadorística da TV. A lógica de mercado é medida pelas pesquisas de opinião e não se constitui, nesses anos, em critério exclusivo para o trabalho cultural.

Passada essa fase inicial, mudanças significativas vieram a ocorrer no terreno da cultura, sobretudo a partir de 1964, quando o Estado arvorou-se promotor do capitalismo avançado. Implementa-se uma política de telecomunicações orientada pela ideologia da segurança nacional. A televisão, então, se consolida e passa a integrar o mercado nacional. A telenovela é, em 1964, consagrada como gênero de massa. A publicidade tende a se concentrar nos veículos de maior penetração das massas e a TV ajusta-se aos padrões comerciais.

Em seguida, os períodos se caracterizam por um desenvolvimento de técnicas de publicidade e racionalização das empresas de bens culturais.

Dessa forma, a máxima de Gustavo Dahl, que afirmava que "*mercado também é cultura*", enunciava uma máxima genérica para toda a sociedade.[4]

4 - COMUNICAÇÃO E IDEOLOGIA

Ser não é somente fazer parte da humanidade, da sociabilidade humana, mas também fazer parte de determinada sociedade histórica. É ser segundo determinadas relações sociais, saber do mundo e de si. É saber conforme as significações, as idéias, a construção da realidade, que dá sentido e forma a esse mundo histórico em que vivemos.

Mas até que ponto esse saber repleto de significações da lógica da dominação e através do qual desvendamos a realidade é mesmo um saber ou um não-saber?

Existem inúmeras possibilidades para se entender o mundo através da comunicação. GRAMSCI afirmava, por exemplo, que *"ser gente significa falar"*[5] e falar implica no uso de operações de linguagem, como a metáfora e metonímia. A primeira é a possibilidade de substituição do mundo das coisas pelo mundo da fala e a segunda é a possibilidade de combinação que estabelece as proximidades e as distâncias, operações através das quais o mundo e nós mesmos somos organizados e identificados. É processo inconsciente, o que significa que atuamos **nele** sem que **dele** tomemos conhecimento.

Sobre essas operações atua a lógica orignária da determinação das relações sociais que, segundo GRAMSCI, é *"a lógica racional capitalista"*.[6]

A linguagem, porém, não é só código social e sim o lugar de outras possibilidades de significações. A lógica da dominação atua no sentido de ocultar e deslocar tudo o que provém do lugar do trabalho, da desigualdade e da diferença. Oculta,colocando outra coisa no lugar daquilo que foi omitido através de metáforas substitutivas e desloca assim, colocando em proximidades permitidas (a metonímia).

Ao movimento que descreve e que atravessa toda a realidade social, ocultando o real, o trabalho, a alteridade, produzindo desconhecimentos e reproduzindo uma determinada organização social é o que se chama **ideologia.**

Os meios de comunicação de massa são instrumentos ideológicos. No caso da TV, por exemplo, ela é concessão do Governo, ficando obrigada a trabalhar mediante os valores, normas e conceitos de sua ideologia. Não se pode esperar, portanto, que a TV tenha comportamento divergente da ideologia dominante. E mesmo que ela quisesse adotar postura diferente, a censura, sempre vigilante, não o permitiria. Sua concessão pode ser cassada a qualquer discordância mais severa.

A organização da sociedade brasileira e seu modo de produção capitalista indica a divisão em classes sociais que lutam pelo poder político e pelo controle dos meios de produção. Há classes excluídas desse controle. Porém, nestas classes, dominadores e dominados existem como parcelas desunidas com interesses nem sempre homogêneos. Nessa instância, o papel dos MCM é basicamente importante e vai além do simples entretenimento das audiências. Na verdade, sua função essencial transcorre na luta pelo poder.

A hegemonia de uma classe social sobre outra não ocorre apenas em função do seu domínio econômico exercido sob forma de coerção sobre as classes dominadas, mas também da aceitação pelas demais de seus valores, padrões culturais, políticos e econômicos, aceitação essa obtida através do trabalho da educação.

A valorização do trabalho intelectual como superior ao manual e o papel sexual da mulher são alguns entre os muitos conceitos hegemônicos obtidos da valorização exacerbada do intelecto e da repressão ao prazer.

Esses valores são difundidos pelos grupos sociais que compõem a sociedade brasileira, embora sejam utilizados para beneficiar, quase que exclusivamente, o conjunto das classes dominantes.

No total, a coesão obtida em torno desses valores se consegue num emaranhado de fios em cujas pontas estão a coerção e o assentimento de todos.

A submissão à autoridade também é obtida através desse processo. Por exemplo, os aparelhos ideológicos do Estado (família, escola, Igreja) agem através da comunicação, insistindo que é preciso se submeter à autoridade e, finalmente, acabamos por achar que tal fato não só é conveniente, mas deve ser por nós preservado. Daí a vigilância para que os demais indivíduos ajam da mesma forma.

A divisão dos papéis sexuais também é bom exemplo: antes mesmo do nascimento, essa divisão já existe: cor rosa para as meninas e azul para os meninos. À medida que se desenvolvem, os indivíduos vão recebendo informações de como devem comportar-se e quais as atitudes legítimas de cada sexo.

Estes valores são reforçados pelos meios de comunicação de massa. Passam pela coerção econômica (salários mais baixos para o sexo feminino) e chegam mesmo à repressão policial (relações homossexuais).

O conceito de hegemonia de GRAMSCI permite uma análise mais fiel da realidade das diversas situações, pois no conjunto dos meios de comunicação também ocorrem a produção de mensagens que são reforçadoras da direção cultural impingida pelas classes dominantes.

Afirma GRAMSCI que

> *a manutenção da coesão de todos os diversos grupos sociais que compõem uma sociedade em torno de valores políticos, econômicos, sociais, morais e culturais, obtida através de uma conjunção de coerção com consentimento à atividade cultural, não surge como simples ideologia, sem fundamento material. Ela é vista como conseqüência e causa simultânea de todo o conjunto de práticas sociais que compõem a vida social: a atividade política, as relações econômicas, a vida privada, a busca de auto-identidade.*[7]

Todo processo sofre necessariamente modificações e influências; seus valores podem ser questionados, até contestados. Conseqüentemente, haverá de sofrer adaptações.

O conceito de GRAMSCI não ignora as situações históricas em que o consentimento aos valores dominantes é obtido. Em regime democrático é conseguido através do consenso ou do discenso: respeita-se não só o interesse da maioria, como também o da minoria e, ainda, o do diferente. Porém, em período de governo de exceção, é obtido quase sempre através da força.

Essa distinção é fundamental (consenso e coação) para a compreensão da realidade e das contradições da sociedade sobre a comunicação.

5 - TELEVISÃO E IDEOLOGIA

No caso brasileiro, as leituras das representações culturais via televisão são exemplos das muitas análises desencontradas que ora apontam a TV, vista na condição de manipuladora da consciência coletiva, como fatal geradora de males que se impõem à nossa sociedade, ora como influente, mas não determinante.

Houve época em que essas representações culturais passavam por reflexo e registro de um dado tempo, história ou sociedade. Tanto num romance do passado como numa novela mais atual poder-se-ia ver bons documentos para se conhecer a história nacional.

Depois, com a ditadura e a censura, essas representações deixaram de ser reais. Em decorrência, surgiu uma nação real, aquela da massa, do povo, e outra falsa, ideológica. A nação real opõe-se à nação fabricada pela indústria cultural das massas, no caso da TV, indústria de imagens.

O fato é que os MCM usam de constructos. Cabe-nos desmistificá-los. *"A questão é saber como, na sua organização e funcionamento, a televisão é capaz de converter-se de estrutura de poder, que efetivamente é, em aparente mero veículo de comunicação".*[8]

Não se pode negar o valor do aparelho de TV, que há muito conseguiu ultrapassar a conotação de aparelho eletro-domés-

tico com o qual penetrou na vida dos indivíduos. Ele diluiu-se na cronologia e no espaço. Tornou-se o óbvio. Passa desapercebido e é aí que se encontra o seu poder, nessa penetração da massa. Não se limita a oferecer estímulo visual e auditivo aos consumidores, mas, através de pesquisa de mercado, percebe-os nas suas características mais íntimas e inclusive em suas predisposições mentais na organização do mundo significativo. Constitui um complexo de poder, de base empresarial, e é por esse enfoque que vê os telespectadores - como consumidores.

O poder da televisão, enquanto comunicação de massa, não se restringe a ser indústria cultural. Ela é sub-produto da tecnologia bélica. Isto significa que a produção de equipamentos e as tendências de integração empresarial nessa área passam pela via dos interesses relacionados ao complexo industrial-militar até em escala internacional. Portanto, a própria organização e funcionamento da televisão relaciona-se com questões que se alinham nos assuntos da segurança nacional.

O sistema brasileiro de telecomunicações, e com ele a TV, expandiu-se enormemente na área tecnológica e também na área dos serviços durante a década de 70. É controlado e ao mesmo tempo controlador. O Estado, porém, atua diretamente sobre o sistema e o sistema sobre a audiência, que sofre esse controle na própria organização da vida. Exemplo disso são os horários dos programas, determinados pelas classes que detêm poder no sentido de se conduzir as audiências para determinados assuntos e interesses.

Estabelece-se, assim, um pacto entre a sua condição de estrutura do poder com regras e interesses próprios e o controle dos controladores.

A televisão, como sistema, apresenta uma organização que demonstra incluir entre suas atividades a difusão de ideologias, o estímulo ao consumismo, como também estímulo para consumir o próprio meio.

"A TV tem suas regras e a indústria cultural como um todo tem as suas, que, se aceitas, conduzem à noção de que a democratização da cultura é equivalente à expansão do mercado de bens simbólicos difundidos por tal ou qual veículo de comunicação." [9]

Ainda conforme Gabriel COHN, há uma notável distância *"entre a expansão do mercado consumidor e democratização"*.[10] Assegura ele que essa distância é a mesma entre o populismo e a democracia. Neste caso, a massa estaria consciente do papel que desempenha no processo?

Uma nova espécie de estudantes entra todos os anos no 1º grau: a que vê o mundo através de significativa carga horária diante do aparelho de TV, indiscutivelmente veículo poderoso de aculturação das sociedades modernas.

Além das crianças, adolescentes e adultos permanecem horas e horas diante da televisão. Na escola, na rua, no trabalho, no lazer, confrontam-se opiniões, avaliam-se idéias e programas e discutem-se os comportamentos de personagens de telenovelas.

No futuro, quantas horas a mais iremos postar-nos diante da televisão? Provavelmente pelo monitor doméstico passarão transações comerciais (compra e venda), financeiras (saldos bancários, cotações da Bolsa) e outras. E não serão poucos os canais de televisão em aberto. Em compensação, poderá haver o acesso da comunidade aos canais.

O tema é, portanto, estreitamente vinculado ao poder político.

Não se questiona hoje em dia a importância das telenovelas brasileiras no que representa de divisas para o País, haja vista o sucesso obtido na Europa e na Ásia.

Entretanto, obscurece este panorama a política de concessões de canais de televisão que se orienta por critérios puramente políticos, partidários ou casuísticos. Representantes do partido da situação do governo recebem as concessões. Sílvio SANTOS, por exemplo, teria recebido sua concessão por comungar das convicções do governo militar.

A censura se faz severa quanto à produção nacional de TV, em geral às mini-séries e telenovelas, mas o mesmo não ocorre quando a produção é estrangeira, sobretudo se originária dos países capitalistas. Assim, o governo bloqueia o advento de uma televisão nacionalista, impedindo o crescimento do mercado de trabalho na área.

É possível que esta política continue sendo adotada não só para favorecer uma minoria que detém o poder, mas também com o objetivo de controlar e censurar os centros de emissão existentes no País. Por outro lado, a diversificação da tecnologia descentraliza o poder.

Cabe evidenciar aqui o pensamento de Roger GARAUDY: *"O Estado ideal é aquele que permite que todo Mozart em potencial se torne um Mozart."* [11]

SODRÉ, quando se refere à diversidade ou multiplicidade das fontes de informação, afirma que esta *"... não quebra o monopólio porque o essencial deste não está no controle dos meios de produção, mas no processo de significação, isto é, no controle do código."* [12]

Pode-se distribuir estações de TV e vídeo-cassete a todo mundo, mas ainda assim, o monopólio permaneceria, porque o sistema não se limita à tecnologia em si, mas alcança todas as dimensões existenciais, como vida urbana, dispersão humana, individualismo, economia do mercado, produção industrial monolítica e outras.

O escritor George ORWELL, em sua famosa obra *"1984"*, arrola a possibilidade de o Estado controlar os cidadãos através da tele-tela, que seria instalada em cada residência e ligada a uma central controladora. SODRÉ, no entanto, nega essa possibilidade, assegurando que *"uma rede de comunicações tão logo ultrapassa certa magnitude crítica, já não pode estar sujeita a um controle centralizado, só podendo ser calculada de forma estatística."* [13] Seria um controle tecnológico da rede maior, da qual ela própria seria inviável.

SODRÉ conclui que o panoptismo ocidental já inclui um olho controlador em toda a parte e os mecanismos científicos de controle existem para que não se visualize o verdadeiro poder. Esse poder visa sempre a obter uma regularidade das condutas, eliminando ao nível das consciências a possibilidade de inquietação ou de mudança.

É o controlado quem controla, pois interiorizou os modelos ideológicos da ordem produtiva e nisto reside a astúcia do poder.

Essa interiorização se efetua na medida em que o indivíduo encaminha seus impulsos para objetos de desejo admitidos pela ordem social, ou seja, **necessidades**.

Em conferência proferida em 1985, durante o Seminário Internacional de Legislação Comparada realizado em São Paulo,

o produtor Tadeu JUNGLE afirmou que *"é preciso, também, proibir a entrada de comerciais estrangeiros no mercado brasileiro, que aqui entram ganhando apenas uma trilha sonora",*[14] acrescentando que *"... televisão a cabo não é papo para o Brasil. É tecnologia muito cara, que está sendo empurrada como sucata para o Terceiro Mundo."* [15]

Há, portanto, quem se oponha à importação de novas tecnologias para o País, na esperança de que se fortaleça o mercado de trabalho.

JUNGLE chegou a apontar a TV dirigida ou paga e a implantação de canais do gênero TV de assinatura como soluções para o Brasil. Neste caso, o telespectador pagaria uma taxa para instalar um decodificador de sinais na sua TV e captaria do ar o canal desejado.

Uma inferência consistente já decorre deste contexto: a de que a questão tecnológica está estreitamente articulada à questão política. Na verdade, a televisão constitui fator de integração nacional e o governo conhece a sua importância como aparelho veiculador de ideologias, tanto que provê todos os mecanismos de manipulação necessária à preservação do poder.

Durante a recente crise política vivida pelo Brasil no início de sua redemocratização, a TV expandiu as fronteiras do proibido e alçou a bandeira do famoso pacto social.

Alguns analistas de comunicação, entre eles Umberto ECO, acreditam que há duas questões centrais na comunicação atual: a da tecnologia *(hard ware)* e a da programação *(soft ware)*.

A antiga televisão (paleotelevisão), feita para todos os telespectadores, que falava das inaugurações ministeriais e alimentava o povo com romantismo, deu lugar à multiplicação de

canais - a neotelevisão (cabo, UHF, comunidade, transmissões por satélite). Todas essas tecnologias funcionam em países desenvolvidos, algumas há mais de vinte anos. Nos Estados Unidos, os canais especializados em música (MTV), cinema (HBO), notícias (CNN) ou esportes (WTBS), oferecem novas e diferentes opções.

A questão do *"soft ware"*, no entanto, parece ser mais importante. É a mensagem que atinge a massa. Há um medo generalizado da máquina, mas o poder das máquinas está no saber dos homens que as programam.[16]

O conceito de poder mudou. Criou-se com a cinformática e a comunicação um novo conceito que é eminentemente cultural. A recente crise entre o Brasil e os Estados Unidos sobre a questão da informática é uma prova cabal.

Os Estados Unidos controlam 75% da circulação mundial dos programas de TV e outros 50% do mercado inematográfico. O Brasil começa a interferir nesses percentuais com a exportação das telenovelas e aceitação de filmes brasileiros no Exterior, fato este que eleva a nossa produção artística e mantém divisas.

Desse modo, o mais importante não é a tecnologia que traz o canal até o telespectador, mas sim o que se percebe em *"Roque Santeiro"* ou *"Dallas"*.

"O combate que começa a se travar hoje não é mais um combate de elétrons, e sim de idéias." [17] A imaginação já é mais importante que a técnica. A multiplicação de canais torna esta questão ainda mais crucial. Só a TV a cabo possibilita a recepção de mais de 100 canais no televisor doméstico. O satélite multiplica este número e ao mesmo tempo transnacionaliza a

informação, já que o alcance dos sinais não respeita fronteiras geo-políticas.

Em face dessas evidências, a questão central permanece: quem irá censurar ou programar a televisão? o Estado ou entidades privadas? Cooperativas de produtores ou sistemas de comunicação já existentes?

Não se deve esquecer uma outra face da TV: a de prestadora de serviços. O melhor seria confiar ao Poder Legislativo a prerrogativa de elaborar a política áudio-visual do País, tirando do Executivo a competência exclusiva da matéria. A questão é mais de competência do Legislativo, pois a ele cabe regular o setor e à sociedade civil, fazendo valer necessidades e opiniões.

A televisão percebida como um fato cultural e como lazer de grande parte da população é tomada como veículo de comunicação de massa, qual seja a de assumir essa proporção, considerada avassaladora e alienante. O que se constata, porém, é que o povo brasileiro tem a televisão como única fonte de bens culturais. A avaliação do problema torna-se então bastante complexa.

Impossível se omitir a TV nessa avaliação. A televisão brasileira é, nessa instância, representada pela Rede Globo, cujo desenvolvimento nos últimos dez anos, coincidiu com o mais recente período autoritário da história nacional. Assim, torna-se claro que grande parte da crítica feita à televisão brasileira se situe nas contribuições dessa rede específica.

Apropriando-se do indivíduo nos momentos de lazer, a TV reforça e complementa com suas mensagens características o domínio exercido sobre ele pelo sistema capitalista.

SODRÉ afirma, a propósito, que *"a ideologia, como a televisão, é também essencialmente forma de poder."*[18] Ressalta, ainda, o poder invisível da ideologia, ou seja, do poder panóptico (forma moderna do poder do Estado) que é feito de um modo de produção concentracionário e centralizador, isto é, concentração da população em grandes cidades e da propriedade em poucas mãos, além de centralização dos meios de produção e força política e até mesmo da representação lingüística no signo. A imagem visual tende a ser mais sintética e mais abstrata que o signo escrito.

"Nas formas centralizantes, sintetizantes e abstratizantes se acham as raízes da forma do poder capitalista, ou seja, da ideologia ocidental." [19]

Desse modo, esse poder reforça a estratificação ao nível das relações de produção, mantendo a separação entre o capital e o trabalho.

A forma de poder exercido pelo meio decorre de absoluta abstração com respeito à situação concreta e real da comunicação humana. Nesta abstração baseia-se o controle social do diálago.

"Rompem-se as regras da comunicação", afirma SODRÉ. *"Não se constrói nenhum espaço onde uma verdade possa vir a ser provocada pela linguagem: a significação nasce fechada. A abertura cede à univocidade, o monólogo substitui o diálogo."* [20]

Assim, na verdadeira comunicação o comportamento do receptor aparece como reação à fala do emissor. Há troca, há diálogo, há sentido aberto a novas situações, a novas experiencias e conhecimentos.

Na relação informativa, ao contrário, pressupõe a organização do ato de falar em instituições empresariais ou não, mas sempre caracterizada pela **medium**. *"O poder fala sobre quem ouve, pois na relação instituída pelos modernos meios de informação, falar é um ato universal."* [21] E constitui a hegemonia tecnológica do falante sobre o ouvinte.

Na recente campanha que a Rede Globo realizou em pról do Nordeste assolado pela seca, incentivou-se a piedade e a solidariedade popular, mas pouco, nada mesmo, se falou em reforma agrária. Com a imagem da terra, do povo e do seu sofrimento se pretendia levar o telespectador às lágrimas, mas não o bastante para fazê-lo questionar a posse da terra pelos latifundiários já seculares em nosso País.

Outro exemplo é o fato de a Rede Globo, ao fazer a cobertura das assembléias do magistério nacional para discussão dos problemas pertinentes à classe e votação de eventual greve, sempre fazê-lo em horário em que a assembléia já mostrava sinais de esvaziamento ou pelo adiantado da hora ou pelo cansaço. Com isso se anulava a radicalização do movimento.

Pode-se, portanto, conceituar a ideologia não só como o conjunto dos conteúdos veiculados, mas também como a própria informação, na medida em que separa falante e ouvinte, censura-se a resposta e torna-se abstrata a situação concreta dos indivíduos.

SODRÉ adverte que não se deve confundir a liberdade dos meios de informação com liberdade política de opinião, pois esta significa a possibilidade real de cada um falar e ser ouvido.[22]

Examinando o conceito de manipulação, SODRÉ afirma ser impossível inseri-lo numa ordem puramente psicológica-individual e que pressupõe ação ativa com o objetivo de influenciar, mas que este é um conceito sobretudo de ordem político-ideológica, relacionado com a natureza mercantil da informação. O manipulador, geralmente funcionário da empresa informática, também é manipulado pela mesma ideologia que ajuda a reproduzir.[23]

A televisão sempre atribui ao dado cultural um valor único de consumo. E realmente a cultura torna-se acessível a todos, mas não a sua produção, cujo código torna-se cada vez mais distante e invisível.

Excluído o saber da produção, o consumidor consola-se com a igualdade do dominado-recebedor. Não existe, portanto, possibilidade de resposta e isto corrobora o monopólio instituído pelo meio.

5.1 - O Padrão da "Globo"

No que se refere às críticas feitas à televisão brasileira, a observação do conjunto da programação das diferentes emissoras revela a existência, no vídeo, de pelo menos dois estilos de construção de programas. Engloba-se nesses estilos também a propaganda em vídeo.

Envolvem essas construções dois padrões de qualidade que colocam de um lado a TV Globo e, de outro, todas as outras. O *"padrão global"* qualifica todo um modo de fazer televisão e outro que incorpora e lida fundamentalmente com o que, do ponto de vista da definição de qualidade da Rede Globo, aparece como sendo *"mau gosto"* ou *"popularesco"*.

O padrão da Rede Globo se fundamenta na questão estética e na imagem ótima, pontos em que ela realmente alcança elevado nível. Entretanto, a qualidade técnica e plástica vem se confundindo sistematicamente com o conteúdo cultural das mensagens.

O *"padrão global"* é conseguido porque a emissora tem à sua disposição uma grande gama de sofisticações tecnológicas e uma enorme concentração de capital. Assim, tornou-se popular sem cair no popularesco e econômica no texto e na linguagem.

Esse padrão é feito, ainda, de uma excessiva velocidade no ritmo televisivo e que não se apóia sobre uma ação constante, ininterrupta, quanto aos temas, assuntos e problemas. É também bastante superficial quanto à densidade do texto, cuja principal característica é a diluição da informação passada ao público, o que, conseqüentemente, contribui para a sua rápida massificação.

O tom de espetáculo da linguagem televisiva também é notável e significativa. O texto é cuidadoso e correto quanto à linguagem empregada, entonação, pronúncia e vocabulário. Essa correção é suavizada pelo humor presente ao final das frases. No jornal HOJE, por exemplo, apresentado diariamente por Leda Nagle, depois da notícia emitida em linguagem e tom corretos, a apresentadora acrescenta *"seu toque pessoal"*, acrescentando exclamações do tipo: *"Que horror, não?"*, ou *"Que pena!"*, ou ainda *"É isso aí, gente!"*. Este recurso disfarça toda a parafernália da produção, além de manter a intimidade com o telespectador.

Utiliza-se, hoje, o processo de *"enxugar"* a imagem, isto é, oferecer o máximo de informação com um mínimo de imagens.

É a imagem sem excessos, produzidos mediante suaves movimentos de câmaras sequer notadas.

O mesmo procedimento é mantido no texto: a máxima informação num mínimo de falas. É a discreção.

A questão do controle de qualidade surgiu com a TV a cores e durante o período do *"milagre brasileiro"*, no início da década de 70. Nessa época surgiu também a *"classe média do milagre"*, especialmente voltada para o consumo, com um gosto marcadamente próprio e crítico, além do desejo de representação nos movimentos de progresso e modernidade do País.

Os critérios de *"bom gosto" e "qualidade"* desta *"classe média"* parece ser o mesmo ditado pela Rede Globo, cujo padrão pode revelar transformações significativas no conjunto da sociedade brasileira.

É visível nos programas dessa época o requinte dos cenários, o figurino luxuoso e a sofisticação dos ambientes em que transcorrem sobretudo as telenovelas.

É nesse espaço histórico que nasceu a televisão-indústria.

O texto televisivo se dividiu, a partir daí, em programação propriamente dita e propaganda comercial, que é o que de fato viabiliza as emissoras de televisão, dado o seu alto nível tecnológico e a exigência que lhe é inerente de se trabalhar permanentemente em equipe.

Em televisão, não há tarefas individuais, trabalho de um autor só. Tudo é resultado de trabalhos específicos de técnicos das mais variadas áreas: são iluminadores, cenógrafos, figurinistas, produtores, roteiristas, pesquisadores, *"video-man"*, *"camera-man"*, atores, modelos, músicos, autores e uma infinidade de outras categorias profissionais.

A televisão como indústria considera o telespectador como consumidor em primeira instância. Consumidor, personagem difícil e exigente, que não sabe o que quer, mas que pode ser conduzido e educado, conforme os interesses das máquinas da comunicação de massa.

Conseqüência disso é a nova postura da juventude, que passou a exibir um comportamento de descontração, liberdade e espontaneísmo só porque pode optar entre vários tipos de *"jeans"*, que chegou mesmo a ser tido como o símbolo material de liberdade.

Nesse ritmo, alteram-se por algum tempo os estilos de comportamento, mas todos acabam inseridos no sistema geral da produção e do consumo.

Não é sem razão que SODRÉ afirma que *"o sujeito moderno - a fixação contemporânea da individualidade - é o resultado dessa ordem produtiva e disciplinar, caracterizada pelo controle científico do tempo, dos corpos e pela crescente individualização familiar."* [24]

6 - A TELENOVELA E IDEOLOGIA

Ao nível operacional, a telenovela surge de uma sinopse, ou seja, um projeto preliminar de uma trama humana envolvendo determinados interesses e mensagens. Nela, já há delineados os perfís das personagens principais e das complementares e os ambientes em que se desenrolará a novela. Também, já nessa fase, o autor define os atores e atrizes para os vários papéis a que o sopro mágico da invenção dará vida.

Entretanto, a palavra final, a decisão, não pertence ao autor, pois só o consenso entre ele, o diretor e os responsáveis pelo elenco, definirá os papéis.

Em suma, o plano geral surge com o autor e ganha estrutura com a produção diária.

A novela é, na verdade, o resultado do trabalho de uma multidão: produtores tratam das locações, do apoio logístico, dos extras, do transporte, da alimentação, das tabelas dos horários; figurinistas, costureiros, aderecistas, cabelereiros, manicures, maquiladores e cenógrafos se enfronham nos caracteres que o autor criou para dar-lhes aparência e ambientes que correspondam às suas condições sociais e econômicas. Trava-se a luta pela perfeição possível, o consagrado padrão da qualidade já mencionado e que prossegue com marceneiros, carpinteiros, contra-regras, continuístas, pesquisadores de arte, usos, costumes e épocas, técnicos de luz, som e cor, câmaras, ele-

tricistas, montadores e diretores sob o comando do diretor e assistentes.

Assim que os primeiros capítulos são gravados, outros tantos técnicos fazem simultaneamente as vinhetas que marcarão o início e o fim dos capítulos e dos seus segmentos intermediários e o diretor musical escolhe o tema geral e os temas nacionais e internacionais que acompanharão cada personagem ao longo das 180 partes em que geralmente se dividem as novelas. Essas partes podem ser estendidas ou diminuídas, dependendo da resposta do público e também de situações pessoais vividas pelos profissionais envolvidos na novela.

"Sol de Verão", novela em que Jardel Filho era o ator principal, acabou tendo seu fim apressado em função de sua morte. Em "Guerra dos Sexos", Paulo Autran, acometido de doença prolongada, teve sua ausência incluída na história.

A gravação nos estúdios é outra tarefa de alto nível profissional. Afirma SODRÉ que *"quando o sistema dos mass media, sintetizado pela TV, pesquisa a fórmula ótima de agradar a todos ao mesmo tempo e em suas casas, o pressuposto estabelecido é de que o sistema pode participar das satisfações mais íntimas ou particulares do indivíduo."* [25]

A pesquisa para encontrar essa fórmula ótima de agradar a todos encontra na telenovela um campo inesgotável, que vai do seu conteúdo às mensagens publicitárias que a viabilizam, e esse caminho passa pela via da emoção, mostrando-nos como somos, ou melhor, como **devemos ser.**

Segundo esses padrões, há modelos de como ser homem, como ser mulher, como ser criança, como ser profissional desta ou daquela área, como ser isto ou aquilo.

Ser homem, por exemplo, é ser viril e vitorioso, ter a companheira que apoia esse machismo. Os termos *"agressivo", "forte"* e *"sucesso"* são os que compõem a mensagem. O porte é alto, de executivo, carregando pasta na mão, ou de engenheiro ou arquiteto lidando com instrumentos de precisão. É o bem-sucedido e rico, pois tem acesso a iates, hipismo, carros do ano, viagens internacionais e é disputado pelas mulheres.

Esse homem másculo e de personalidade forte transforma-se em atraente pai de família, por exemplo, ao apresentar objetos de uso doméstico. Esse é um homem sempre em dia com a moda, culto e atualizado, que lê e compra enciclopédias e que não tem problemas de espécie alguma e, quando os tem, sabe dar-lhes soluções imediatas.

Esse modelo de homem aparece também nas telenovelas. Se, por exemplo, esse homem nasce no seio de uma classe desfavorecida, não é por muito tempo que permanece nela. O *"destino"* se incumbe de lhe preparar uma situação melhor, como num passe de mágica. Descobre que seus pais são ricos ou então planeja um modo eficaz de ascender socialmente. A riqueza que então lhe vem, o é na mesma proporção da pobreza amargamente vivida.

Quanto à mulher, todos os estereótipos femininos são encontrados nas telenovelas: desde a adolescente de rosto limpo ("Anos Dourados", com Malu Maeder), a rainha do lar (a dona de casa cercada dos filhos), a mulher executiva, esportiva, de classe, até a mulher objeto sexual, representada por ampla variedade de comportamentos sedutores, que vão da ingênua maliciosa até a *"vamp"* ou mulher fatal.

Através da propaganda, esses tipos são utilizados pelas indústrias de produtos de beleza, esportivos e de automóveis.

O tipo padrão é de estatura média, magra, esbelta, tinge os cabelos, freqüenta academias de ginástica e faz massagem. Nas telenovelas, a fórmula mágica se repete: a personagem inicialmente desfavorecida, sempre encontra um meio de tornar-se rica, bonita, elegante e charmosa.

A criança, por sua vez, é utilizada pela TV ou como boneca, compondo o ambiente, ou como *"diabinho"*, sempre pondo os adultos à prova com sua indisciplina, agressividade e irresponsabilidade.

As meninas brincam invariavelmente de enfermeiras ou secretárias, sempre em atividades complementares de apoio, enquanto os meninos brincam de médicos, astronautas ou policiais. Enquanto as meninas realizam atividades domésticas auxiliando a mãe, os meninos passeiam com o pai.

O trabalho e a família também são mostrados de forma irreal e estereotipada.

O trabalho jamais é apresentado em sua forma concreta, tanto nas novelas quanto nas propagandas. Quando aparece, é quase sempre vinculado à diversão e aos cigarros e sempre conduz ao sucesso. Dirigir caminhões, por exemplo, parece ser ocupação fácil, cheia de aventuras, para os dois caminhoneiros da série "Carga Pesada" (Antonio Fagundes e Stênio Garcia).

O trabalho da dona-de-casa também se torna uma saudável diversão quando ela usa ou o sabão em pó que resolve tudo ou *"o furacão branco"* e outras panacéias que, como num conto de fadas, reduzem o trabalho da mulher a uma mera brincadeira.

De modo ambígüo, substitui-se o natural pelo artificial. Alguns produtos enlatados contêm *"a força da natureza"* e é dessa forma que se consomem valores culturais numa sociedade

extra-dirigida, na qual os comportamentos passam a ser determinados por influências sem autenticidade.

Nas telenovelas, o trabalho de nível inferior como o da cozinheira e o da empregada doméstica é sempre destinado à mulher de cor negra. As personagens principais apenas administram os empregados, com raras exceções, quando não os maltratam. Tais exemplos reforçam e fortalecem a discriminação racial.

A família geralmente é a clássica representante da classe média, alvo preferido da publicidade e do consumo.

Os ambientes preferidos são, *"por acaso"*, os mesmos onde se encontram todos os objetos de consumo que a tecnologia moderna pode colocar dentro das casas brasileiras. A ação se passa em cozinhas equipadas com todas as comodidades (Em *"Roda de Fogo"*, uma juiza federal dispensa a empregada todas as noites e utiliza-se da máquina de lavar pratos instalada ao lado de um forno de microondas), em salas de estar decoradas com extremo luxo e sofisticados quartos de dormir.

A propaganda usa essa família feliz, mas tradicional, que nos é apresentada com alguns traços de modernismos, para reforçar as preferências em relação a alguns produtos. A mulher, por exemplo, contesta a opinião do marido propondo os produtos de seu interesse. Tenta-se, assim, passar a idéia de família de mentalidade aberta e adequada à aceitação de produtos novos.

Na telenovela "Ti-ti-ti", as personagens femininas usam o batom *"Boka Loka"* para tornar-se infalivelmente atraentes e em "Vereda Tropical", colônia usada sem substitutivo pela personagem central, a heroína questiona o marido, mantém-se sem-

pre segura e compete com ele em suas atividades profissionais.

A propaganda usa a "família feliz" que jamais esquece qualquer data significativa e nela o pai é sempre ouvido pelos filhos, a mãe é efetivamente "rainha e senhora" e as crianças são indefectivelmente obedientes. Nela, o marido até desiste de seus compromissos porque a mulher sai toda perfumada do banho tomado com mil e um sais e cheiros.

Todos parecem viver felizes para sempre.

Contraditoriamente, porém, a telenovela explora também as situações de vida pouco ou nada venturosas, como o desemprego, a separação conjugal, os acidentes, as deficiências físicas, as doenças e a morte, enfatizando a inutilidade da riqueza na determinação da felicidade. E se assim o faz, certamente o é para provocar a conformação das classes menos favorecidas à sua situação de permanente sofrimento. Com isso, a telenovela não se compromete com qualquer movimento de transformação social.

As telenovelas escamoteiam permanentemente a realidade, apresentando uma falsa visão de sonho e prosperidade, difundindo padrões sofisticados de comportamento social e impondo como norma as idiossincrasias das minorias de alta renda, enquanto a maioria da população é privada de benefícios essenciais.

Entretanto, cabe lembrar aqui que, no início da década de 60, já se produziu novelas com base na realidade concreta. Essas novelas foram feitas com recursos próprios dos Estados do Paraná, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Pernambuco e Ceará e retratavam a sua realidade específica. A administração pública, os interesses econômicos públicos e privados, a políti-

ca e os problemas sociais eram analisados e discutidos durante a trama dramática. Ampliava-se, assim, o mercado de trabalho, valores eram descobertos e artistas, jornalistas, escritores e técnicos multiespecializados estagiavam nos centros afastados do eixo Rio - São Paulo, contribuindo com sua experiência e se enriquecendo nas raízes autênticas da nossa cultura.

Por enquanto, o que se tem feito, a pretexto de promover a unidade nacional e a integração cultural do País, é tão somente a padronização do gosto, da ética, da moral e até dos costumes políticos.

Assim, Carlos DRUMMOND DE ANDRADE considera a telenovela como *"a usina de sonhos de consumo generalizado e da qual depende o equilíbrio psíquico de uma multidão sem acesso aos bens positivos da vida."* [26]

Esses sonhos costumam prender a atenção de todo o povo por meses infindos numa atmosfera de densa angústica, repulsa, exaltação e ternura.

O *pathos* (o drama humano) é quase sempre o mesmo: os bons e o maus travam um combate infindável, mas há sempre um final feliz.

O imprevisto desempenha formidável papel na trama, provocando as ações mais apaixonadas.

As novelas de Janete Clair, por exemplo, fomentam a imaginação e a fantasia de tal modo que as situações ficam, às vezes, bem distantes da verdade. Com isso, a autora tenta camuflar a monotonia ou a mesquinhez da realidade.

A necessidade de fantasiar a verdade é tão grande na população que, ao talento da autora, se somavam os desejos do povo, tornando o irreal absolutamente autêntico para milhões de

telespectadores. Exemplo típico é a telenovela "O Sétimo Sentido", na qual a personagem central, Luana Camará (Regina Duarte), mulher extremamente sensitiva e mística, envolveu o público numa comunicação verdadeiramente explosiva, apesar da pouca credibilidade científica dos fenômenos extra-sensoriais por ela vividos.

O comportamento das personagens de Janete Clair não era, entretanto, determinado pelas características pessoais da autora, mas sim pelos impactos que se pretendia forjar na população. Luana Camará é a personagem liberada, sem qualquer preocupação com a verossimilhança da ação e que dispõe do seu próprio destino.

A identificação provocada entre as personagens e o público é tão grande que este ama ou odeia aquelas, confundindo-as inclusive com os artistas que as interpretam. Rubens DE FALCO, por exemplo, chegou a ser agredido na rua por sua interpretação do Coronel FERREIRA, escravagista cruel da telenovela "Sinha Moça".

Segundo as concepções freudianas, a identificação é definida como o processo através do qual a pessoa assume características de outra, incorporando-as à própria personalidade.[27]

Geralmente toma-se por modelo pessoas que nos parecem mais capazes de satisfazer nossos desejos. Aprende-se então a reduzir-se as tensões, modelando-se o comportamento próprio de acordo com o de outra pessoa.

A criança identifica-se com os pais porque eles lhe parecem onipotentes. Com o desenvolvimento, ela descobre outras pessoas e com elas passam a identificar-se porque suas condutas estão na linha dos seus desejos.

Em cada período de vida, as pessoas procuram identificar-se com outras mais próximas de seus sonhos e espectativas. A maior parte dessas identificações ocorre de modo inconsciente e não, como poderia parecer, conscientemente.

O indivíduo não se identifica com outro em todos os aspectos, mas seleciona e incorpora aqueles que, crê, possam ajudá-lo a realizar o ideal desejado. Este não é um processo imediato e se não houver real identificação, as tensões não são reduzidas e acaba-se por devotar desprezo ao modelo eleito.

A identificação é também um meio pelo qual a pessoa recupera perdas sofridas. Identificando-se com alguém que já desapareceu, há como que uma incorporação do perdido objeto de amor à personalidade do indivíduo.

A estrutura final da personalidade representa, enfim, a acumulação de numerosas identificações feitas em vários períodos da vida.

Nas telenovelas, esse é um processo corrente: provoca-se a identificação do público com personagens que veiculam valores de interesse.

Para que o processo ocorra em nível de telenovela é preciso que a personagem se mantenha exposta ao público por algum tempo. No caso de determinado conteúdo ou imagem, a regra fundamental é não modificá-los durante um bom tempo.

A telenovela, devido ao grande número de capítulos, sustenta o conteúdo durante dias, semanas e até meses. E a próxima novela aproveita os mesmos conteúdos a ponto de os autores se repetirem e suas obras ficarem sem autoria, niveladas por um tipo de exposição e tratamento de conteúdo aceitos pelos padrões da censura e do enquadramento técnico.

Quando há distinção entre os autores, isto se deve a ligeiras tendências ideológicas. Ora, isto permite um alto grau de identificação com as personagens.

É bom lembrar, a propósito, o teorema da dinâmica de grupo, segundo o qual o contato e a simpatia representam grandezas interdependentes, que levam a um sentimento de similaridade, de "nós", e estabelece a base da coesão grupal que auxilia na identificação.[28]

Segundo KOGAN, a identificação constitui *"reação cognitiva aprendida que contém semelhança com a pessoa objeto-modelo e que determina o comportamento do indivíduo de acordo com os eventos que atingem o modelo."*[29]

Além disso, a identificação varia de forças de acordo com a motivação e com o reforçamento que esta identificação recebe do meio. Os motivos são vários, mas avulta sobremaneira os vinculados aos afetos e ao poder.

O reforço à identificação, quando não bem definido, pode ocasionar conflitos intensos, como é o caso, por exemplo, da mulher que trabalha fora de casa e que deixa os filhos com terceiros. O conflito se estabelece entre a imagem da nova mulher em busca de sua afirmação pessoal, sexual e profissional e de seu espaço numa sociedade que exige a participação de todos e a imagem da mulher tradicional, que não renuncia a manter-se o tempo todo ao lado dos filhos, mas que renuncia às suas necessidades fundamentais, assumindo-se tão somente como reprodutora. De filhos e de valores.

CAPÍTULO II

EDUCAÇÃO SEXUAL NO BRASIL

Muitas vezes uma lição de educação sexual é extraordinariamente semelhante a uma lição de botânica. Mas apesar de tudo permanece sempre, no fundo da argumentação, o mistério do prazer.

MARCELLO BERNARDI

CAPÍTULO II

EDUCAÇÃO SEXUAL NO BRASIL

1 - A SEXUALIDADE E A SOCIEDADE

O discurso sexual apresenta-se atualmente de diversas maneiras, algumas opostas entre si: ora é pautado num tom irreverente e malicioso, até mesmo pornográfico, ora é tido por manifestação divina, ora como fato biológico natural e simples, ora, ainda, como manifestação social de conteúdo inclusive político.

O sexo, objeto de consumo e de exploração dos sentidos, desencadeou em nossa época movimentos políticos, como o feminismo e o machismo, ambos exercendo formas bem definidas de poder e desenvolvendo, na maioria das situações e das proposições, um completo antagonismo entre homem e mulher como se cada um consistisse espécie e raça diferentes.

O caminho para uma relação intersexual desejável parece estar ligado aos novos processos de transformação social, calcados hoje numa visão mais perfeita de homem uma vez que o considera em sua totalidade existencial.

Na verdade, o que se espera atualmente é que se passe a ver a energia sexual humana como uma força verdadeiramente

propulsora da própria evolução humana. Não mais como mera reprodutora, mas sobretudo como uma força de real união entre as pessoas. Esse "encontro" permitiria a cada um dos envolvidos uma compreensão maior do "outro" e, por extensão, de todos os outros.

Assim, por ser fonte de uma energia fundamentalmente interativa, a sexualidade humana responde, ela mesma, pela harmonia e desarmonia interna e externa do ser.

A sexualidade mal desenvolvida e mal reprimida, diz REICH é causa freqüente de comportamentos mórbidos e anti-sociais.[30]

O amor é o meio através do qual nossa consciência se desvela e, embora se manifeste primariamente através do egoísmo, ultrapassa, via crescimento, várias etapas chegando à fraternidade universal.

A forma mais primitiva do amor é aquela em que os sexos se atraem com a finalidade de procriar, eliminando o interesse logo após a fecundação. A civilização procurou corrigir esta forma primitiva estimulando o desejo sexual até que reuniu em família as relações entre os sexos.

A palavra sexualidade origina-se de *sexus*, que significa seccionado e, portanto, manifesta polaridade. Assim, não está restrita ao campo biológico, psicológico ou social, mas tem inclusive significados filosófico, antropológico, cultural e político.

Acreditamos que a Unidade, a energia suprema, criadora de tudo quanto existe, é inesgotável manancial de energia sexual. Ela contém em si mesma as polaridades que manifestam e desenvolvem suas potencialidades e quando estas adquirem suas

expressões de feminilidade ou masculinidade, ainda assim não se perde o sentido de totalidade.

O desejo sexual é, nessa instância, a expressão de amor de um sexo para com o outro. É esse desejo que os atrai com força magnética e os faz desejar a união e a unirem-se. Ainda assim, o desejo sexual jamais é capaz de satisfazer a paixão desencadeada nos envolvidos.

Pode-se, inclusive, afirmar com acerto que todo desejo é sexual. É desejo de união com alguma coisa e o desejo é a base da vida. Impele à realização, produz luta, movimento e, portanto, evolução. O desejo sexual é, por conseguinte, o princípio fundamental da vida e da evolução.

A polaridade manifestada reconhece seu estado de incompletude. O homem e a mulher reconhecem-se incompletos e mutuamente complementares. Manifesta-se o desejo de união, a atração sexual torna-se mais forte e culmina com o ato sexual.

O abraço sexual é o símbolo da essência, da união de forças naturais, quer do plano físico, mental ou espiritual.

A sociedade atual, exacerbada tanto no discurso quanto na violência sexual, alimenta-se mais de símbolos e mitos do que de realidade, fato que parece indicar que estamos transitando por uma fase em que se há elementos de opressão vinculados à sexualidade humana, certamente há também elementos de libertação. O que acontece é que a polaridade energética tende a uma complementariedade e não a uma complementação.

A complementariedade é uma relação marcada pela distinção, isto é, uma conjunção de indivíduos unidos para uma outra geração, que não é necessariamente um filho, mas que é fruto, e sendo fruto, será a construção do próprio homem e de sua uni-

dade interna. Isto é o que entendemos por complementariedade libertadora e criativa.

A complementação, ao contrário, constitui relação de fusão em que predomina a ausência da distinção, produzindo a negação dos indivíduos. É, portanto, opressora.

A história do homem e, portanto, a história da sua sexualidade, é também a história da radicalização dos dinamismos sexuais.

Neste contexto, coexistem posições opressoras e movimentos de libertação que, na verdade, não constituem oposições, mas posições diferentes. Na primeira há uma energia sexual controlada; na segunda, ao contrário, a energia é esbanjada.

Evidentemente, há que se procurar a conquista do equilíbrio para se viver a sexualidade não mais como discurso vazio, mas como prática social concreta e libertadora, que entende as pessoas como forças objetivas que se querem em movimento e em processo de contínua harmonização.

Isto significa, em última instância, estar-se disponível ao encontro com o próprio inconsciente e ao compromisso da descoberta do mundo consciente.

Do inconsciente, possivelmente haverão de emergir forças propulsoras de novas formas para se viver a sexualidade de forma criativa e saudável, em substituição às formas sectorizadas e moralistas que, hoje, reprimem e infelicitam o ser humano.

O resgate da sexualidade como energia da vida haverá, assim, de converter o amor, a atração entre os seres, num movimento irreversível para a libertação.

2 - BASES ANTROPOLÓGICAS DA SEXUALIDADE HUMANA

O comportamento sexual do homem distingue-se do comportamento sexual dos animais a nível de manifestação instintiva e a nível de execução e finalidade biológica através de dois fatos essenciais e constitutivos de sua formação social: uma notável redução do instinto acompanhada por um excesso de excitabilidade sexual e a separação entre a sensação de prazer e a finalidade biológica. Resulta, assim, que para os humanos a voluptuosidade constitui um objetivo sexual em si. Distingue-se também, pela ausência de ciclos periódicos (cio).

> *No homem, a virtualidade do impulso é permanente, razão pela qual a estruturação cultural dos impulsos sexuais é classificação entre as primeiras realizações civilizadoras, tanto quanto os primeiros instrumentos e a própria linguagem. Pode-se afirmar, portanto, que a regulamentação das relações sexuais e da procriação constitui a forma social mais primitiva do comportamento humano.*[31]

Os efeitos da superestrutura cultural, que se constitui das regras sociais de controle dos impulsos instintivos do homem, se fazem sentir de duas maneiras: de um lado ocorre a regulamentação social das relações sexuais, na verdade meio de controle e disciplina útil à finalidade biológica na medida em que o comportamento sexual é orientado por limitações sociais e,

de outro, a possibilidade de seleção dos objetivos sexuais, como a de superar a simples necessidade de procriação e, em decorrência, possibilitar a integração de diferenciações psíquicas, culturais ou sociais no próprio terreno dos impulsos sexuais.

Ao se reconhecer, portanto, que no homem a sensação de prazer pode e é dissociada do objetivo da procriação, estabelece-se um princípio fundamental para a modificação cultural do comportamento sexual.

Desse modo, pode-se identificar o comportamento humano também pela ótica da sensualidade exercida ou reprimida.

Observa-se, ainda, que quase todos os órgãos sensoriais humanos estão a serviço da sexualidade e que, apesar da intensidade das sensações de gozo ao nível das zonas primárias da sexualidade, o corpo humano inteiro, enquanto órgão, fica à disposição da volúpia sexual.

O impulso sexual desprovido do desejo de reprodução e que impele para o contato interindividual é o que chamamos de erotismo. Ele, tal e qual as relações sexuais primárias, constitui o elemento do comportamento sexual humano sujeito à formação e normalização sociais.

Esse impulso, porém, não é exclusivo do ato sexual e está presente em todas as formas sociais de interação humana direta.

Esse fato demonstra a faculdade humana de transferência desse gênero de impulsos para qualquer forma de percepção sensorial e explica, ainda, as razões pelas quais todas as formas culturais e todas as formas de comportamento baseadas na evolução e diferenciação dos modos de expressão e de impressão -

como na arte ou no ritual de comportamento religioso ou guerreiro ___ são sempre susceptíveis de serem ampliadas no sentido de uma exacerbação do prazer erótico.

Esse fenômeno tornou-se fato social na medida em que essas formas culturais se transformaram em meio de comunicação sensual, em veículo de presença física, criador de novas formas eróticas de comunicação. Evidencia-se, por exemplo, na modelagem de estatuetas representando a mulher da Idade da Pedra e na composição dos cartazes de publicidade moderna.

Em vista da interpenetração das formas de comportamento humano e dos impulsos sexuais e também da possibilidade de transferência desses impulsos para outros níveis e dimensões do comportamento humano, é quase impossível classificar as formas sociais da sexualidade e as que não têm esse sentido e natureza.

Uma sociologia das relações sexuais deveria, portanto, fundamentar-se em dados fragmentários e variáveis.

VAN USSEL, em texto utilizado por Paulo R.B. CANELLA, descreve as formas de comportamento sexual dos séculos XV e XVI, afirmando que

> *naquele tempo as atitudes eram pré-sexuais, admitia-se que todos satisfizessem suas necessidades para não pôr a saúde em perigo. Tocava-se, acariciava-se, abraçava-se, beijava-se, os pais masturbavam as crianças para acalmá-las e os adultos tinham relações sexuais com os adolescentes. As relações pré-conjugais estavam institucionalizadas e as extra-conjugais eram permitidas; não havia críticas à promiscuidade; a família e os serviçais dormiam nús e no mesmo quarto. Banhavam-se nús e em grupos e nas solenidades era exposta nua a jovem mais bela da cidade.*[32]

Comparando-se com o comportamento sexual dos tempos atuais, o texto oferece situações iguais ou semelhantes, porém não institucionalizadas. Naqueles tempos, porém, os jovens não precisavam ser esclarecidos, pois poderiam ver, sentir e aprender com os adultos o que quisessem saber.

Infere-se daí que a liberdade sexual é parte integrante da liberdade como um todo. Não se pode reprimir a sexualidade, sem reprimir a liberdade.

A repressão ocorre tanto no ambiente externo pelas proibições quanto na ação interna do indivíduo, que introjeta e interioriza proibições mediante a ação da educação familiar, religiosa, escolar e social.

Esclarece FOUCAULT que *"a recuperação externa faz parte das normas ditadas pela sociedade em que vivemos. É necessário que se tenha limites e o mecanismo para colocá-los é a educação."* [33]

Desse modo, internaliza-se no indivíduo menos a consciência da igualdade entre as pessoas e mais a obediência às desigualdades instituídas.

A educação, usando de mecanismos como a repressão, a proibição e a auto-opressão, forma indivíduos convenientes e adequados a esta sociedade.

Segundo CANELLA, historicamente identificam-se dois procedimentos para produzir a verdade do sexo: a "ars erotica", na qual a verdade é extraída do próprio prazer pela prática e a experiência e, posteriormente, a política do sexo, que avança pela sexualização da criança, através de campanhas pela saúde, a repressão sexual para não ameaçar a saúde do indivíduo em idade posterior e da sociedade em geral.

Identificada, essa sexualidade é controlada e reprimida. Segue-se a medicação minuciosa da mulher para que se preserve a saúde dos filhos e a instituição familiar. Efetuou-se, também, o controle dos nascimentos pela normatização científica da sexualidade e, em decorrência, criaram-se a criança masturbadora, a mulher histérica, o casal malthusiano e o adulto perverso.

Rigorosas técnicas de controle sexual foram aplicadas inicialmente nas classes dominantes e economicamente poderosas e, depois, mais lentamente, também nas classes oprimidas, primeiro através da centralização dos problemas da natalidade, depois na organização da família canônica e, finalmente, através do controle judiciário e médico das chamadas perversões, em nome da proteção geral da sociedade e da raça.[34]

É, portanto, a repressão da sexualidade que causa os costumes indesejáveis e não o contrário. Essa repressão parece ter se confundido tanto que a liberdade sexual de hoje mais se identifica com libertinagem e permissividade, caminhos fáceis para a pornografia e a dissolução da família e dos costumes. Daí o número indesejável de gestações imprevistas, o aborto criminoso, a explosão demográfica, os atos sexuais ilegais.

Afirma LAING que

> *a função da família é reprimir Eros, induzir a uma falsa consciência de segurança, negar a morte evitando a vida, anular a transcendência, crêr em Deus para não sentir o vazio, criar, em suma, o homem de uma só dimensão, promover o respeito, a conformidade, a obediência, desencorajar as crianças de brincar, induzir o medo do fracasso, promover o respeito pelo trabalho e pela respeitabilidade.*[35]

Toda criança experimenta prazer no toque corporal. Ela própria toca prazerosamente o seu sexo numa tentativa perfeitamente saudável de conhecer-se, mas é invariavelmente repreendida, ameaçada ou castigada.[36]

As perguntas de teor sexual ora são respondidas de forma incompleta ou deturpada, ora são completamente ignoradas. Desse modo, desde cedo, as crianças são moldadas ou reprimidas em suas emoções mais genuínas, aquelas que dizem respeito ao seu próprio corpo e às suas origens, de acordo com a tradição e as conveniências da família e da sociedade.[37]

Quando, durante a adolescência, o indivíduo refaz a sua imagem corporal, confirmando sua identidade no gênero e reelaborando uma nova identidade, o temor aos fatais castigos repressores da liberdade pessoal e sexual continua presente.

Novamente, o ser humano é reprimido em função de valores sociais que se pretende devam ser salvaguardados. A manifestação sexual é, então, reprimida e interiorizada através de um pseudo auto-controle que se faz mediante a culpa e adquação comportamental. O onanismo representa quiçá o exemplo mais gritante: embora compulsivo, é totalmente carregado de culpa.

Certamente é a educação o caminho mais promissor na conquista do desejado equilíbrio. Esta é uma idéia que emergiu dos estudos de DARWIN, FREUD e REICH, mas que foi adulterada pela própria educação através dos tempos, na medida em que, ao ultrapassar os limites da honestidade, passou a limitar a liberdade pessoal, discriminando os direitos dos diferentes sexos. A mulher é educada para ser sexualmente atraente no vestir e no comportamento, porém deve abster-se de relações sexuais antes de determinada idade e em determinadas condições. Deve, ainda,

aparentar ignorância sobre as questões sexuais e não demonstrar qualquer curiosidade ou desejo. O homem, ao contrário, é estimulado a iniciar-se cedo nas práticas sexuais e, se tal não acontece, é ridicularizado e estigmatizado.

A educação, portanto, tal e qual vem sendo disseminada, está transformando a sexualidade humana numa disfunção na medida em que, através dos bloqueios e ansiedades causadas, dificulta o conhecimento do corpo e as relações humanas.

Atualmente, entretanto, está se verificando uma maior franqueza entre as pessoas e maior abertura quanto aos costumes. A linguagem hoje é mais verdadeira e o erotismo tornou-se menos restrito à genitalidade. O homossexualismo é mais tolerado e já se o compreende como comportamento alternativo e inclusive circunstancial a alguma fase ou situação de vida. O casamento é, hoje, feito por escolha pessoal e independe das condições econômicas, sociais, políticas ou religiosas dos nubentes. Também o relacionamento pré-conjugal passou a ser melhor tolerado e a gravidez nessa situação não mais é motivo de rompimento familiar ou ostracismo. O segundo casamento também está sendo melhor aceito, assim como a sexualidade dos idosos.

Há, ainda, tendência para a destruição dos mitos e do sentimento de posse mórbida que cercam o contrato de casamento. Começa-se a vê-lo não mais como grande evento ou como fuga da casa de origem, mas como um projeto de vida em comum verdadeiramente desejado. A posse do companheiro também vem sendo melhor refletida, culminando com um movimento interior dos envolvidos na conquista de sua própria independência e liberdade e inclusive em prol do crescimento e fortalecimento da própria vida em comum.

Hoje, a mulher não mais faz renúncias ingênua e inconscientemente, seduzida por imagens românticas que sempre a reduziram a mero objeto sexual. Agora, ela busca o próprio crescimento pessoal, também como uma forma de estabelecer uma união mais forte e mais rica.

Finalmente, a questão da fidelidade imposta pela coerção e o dever cede lugar ao respeito mútuo e à responsabilidade, ao amor, em outra e única palavra.

3 - EDUCAÇÃO SEXUAL NO BRASIL

A educação sexual ainda é uma utopia entre nós. O que existe é meramente algumas tentativas e poucos estudos e pesquisas sobre o assunto. Entre essas tem especial destaque a investigação científica de Carmem BARROSO e sua equipe, divulgada em 1981 pela Fundação Carlos Chagas durante a sua 32ª. REUNIÃO ANUAL realizada no Rio de Janeiro

A pesquisa, que tratou da educação sexual e suas relações com a democracia, procurou levar em igual consideração os interesses das várias classes sociais, do homem e da mulher e inclusive do homossexual. Resultou na conclusão de que a educação sexual desejável requer uma mudança profunda nas atitudes e valores da família burguesa que, para isso, precisa evoluir de uma situação tradicional de autoritarismo e repressão institucionalizados para outra de respeito e valorização das idéias, atitudes, crenças, espectativas e valores das novas gerações.

A população estudada por Carmem BARROSO constituía-se de mulheres pobres da periferia de São Paulo, cujos depoimentos foram de tal importância para a compreensão das questões relativas à sua educação no campo da sexualidade que, a partir deles, criou-se folhetos explicativos, posteriomente distribuídos não só em São Paulo, mas também em outros Estados da Federação, como subsídio ao debate sobre o significado da sexualidade da mulher.

A pesquisa, que se desenvolveu mediante ampla participação de sujeitos e cientistas, contou com depoimentos bastante significativos:

> *"Eu casei com 16 anos e imaginei que quando a gente tinha um filho, não tinha filho assim não. Eu achava que Deus trazia para a gente" .*
>
> *(Olívia, 55 anos)*

> *"Eu casei, não sabia o que era casamento, casei com 19 anos. Minha mãe não me explicou nada e passei 15 dias na casa de meu pai, ele passou lá na casa dele e a gente já casado. Um belo dia eu fui à casa de minha sogra e ela me prendeu lá. Aí ela falou: você vai dormir naquela cama com teu marido. Eu me escondi debaixo da cama"*
>
> *(Maria do Socorro, 25 anos)*

Parece claro, agora, que a desinformação das camadas mais desfavorecidas da sociedade constitui uma das causas da repressão da sexualidade feminina. À mulher sempre foram negadas as informações sexuais devidas, exigindo-se-lhe a virgindade antes do casamento e, depois, fazendo do sexo um mero mecanismo para a procriação. Com isso, a sociedade tornou a se-

xualidade um precioso objeto de opressão. Inclusive é tão grande ainda o tabu que cerca o assunto que, mesmo nos dias de hoje, a mulher continua impedida de falar abertamente a respeito com outras mulheres. Consolidam-se, assim, a ignorância, as crendices, os preconceitos, a repressão e o tabu.

O que se pôde inferir através dos resultados da pesquisa mencionada é que a falta de comunicação livre entre as mulheres sobre assuntos da sexualidade aumenta ainda mais o sentimento de desunião entre elas. Este parece ser um dos mais fortes condicionantes interferentes no relacionamento entre mulheres, via de regra competitivo, agressivo e hostil, completamente contrário ao mantido com o sexo masculino, na maioria das vezes dócil, obediente e submisso.

Em 1980, deu-se início em São Paulo à realização de um projeto do Serviço de Orientação Educacional da Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo que, entre seus objetivos centrados na educação para a saúde, pretendia também desenvolver a educação sexual nas escolas públicas.

Segundo sua coordenadora, professora Heloísa AGROSA GALVÃO RIBEIRO, a iniciativa partiu tanto de professores quanto de pais e alunos e inclusive nos currículos de 1º e 2º graus a disciplina **Programa de Saúde**, através da qual passou-se a desenvolver o tema "Crescimento e Desenvolvimento Humano", do qual evidentemente não se poderia excluir informações relativas à sexualidade.

Foram trabalhadas especialmente as classes de 5ª. a 8ª. séries do 1º grau, porque é nessa idade que os alunos começam a sentir as transformações fisiológicas da puberdade e, conse-

qüentemente, um maior interesse e curiosidade pelos assuntos relativos ao sexo.

Os objetivos eleitos nesse trabalho eram o respeito ao outro e a si mesmo, a liberdade e a responsabilidade, a validade da informação científica, a linha preventiva e o caráter informativo-educativo.

Os conteúdos versavam sobre:

1 - Fases do desenvolvimento humano: puberdade e adolescência.

2 - Identificação das características sexuais primárias e secundárias.

3 - Papéis sociais do homem e da mulher.

4 - Anatomia e fisiologia dos aparelhos reprodutores.

5 - Cuidados com a higiene. O ato sexual.

6 - Fecundação. Gravidez. Diagnóstico e cuidados pré-natais.

7 - Parto. Puerpério. O recém-nascido.

8 - Fatores que interferem na gravidez e no parto.

9 - Relações heterossexuais.

10 - Homossexualidade.

11 - Doenças sexualmente transmissíveis.

12 - Planejamento familiar. Anti-concepção. O aborto.

Os itens 1 a 7 foram desenvolvidos simultaneamente no 1º e 2º graus e os demais apenas no 2º grau. Entretanto, quando houve perguntas e respeito desses assuntos entre alunos mais novos, estes foram atendidos.

A população escolar foi previamente estudada em aspectos como idade do aluno, sexo, moradia, tipo de trabalho, revistas lidas, programas de TV preferidos, utilização do tempo livre, dúvidas e informações sobre sexo, nacionalidade e ocupação da família, grau de escolaridade dos pais e renda "per capita" da família.

Os dados quanto à situação de moradia e participação dos alunos na atividade produtiva, sua responsabilidade no orçamento familiar, prestígio ocupacional dos pais, proporção de mães que trabalham fora do lar e escolaridade dos pais foram fidedígnos, isto é, refletiram a realidade da população abrangida: estudantes de escolas dos bairros centrais da cidade de São Paulo pertencem, em sua maioria, a família de renda média para níveis inferiores.

Os pais acompanharam o desenvolvimento do projeto e o classificaram como bom. Deles, número significativo de pais relatou que o trabalho facilitou o diálogo com os filhos tanto sobre a sexualidade quanto assuntos e problemas em geral.

Na opinião dos estudantes, a disciplina foi considerada boa na medida em que os ajudou a ter melhor conhecimento de si mesmos e de sua sexualidade e também porque, em decorrência, aumentou-lhes a aproximação com seus pais, amigos e professores.

Os diretores de escola deram total apoio ao trabalho, não tendo ocorrido nenhuma repercussão negativa por parte dos pais ou da comunidade.

Em suma, a educação sexual passou, neste caso, a ser considerada importante veículo de divulgação de conhecimentos reais sobre a sexualidade.

O que se pretendeu, na verdade, foi que a educação sexual nas escolas viesse a compreender todas as ações diretas ou indiretas, deliberadas ou não, conscientes ou não exercidas sobre o indivíduo ao longo de seu desenvolvimento com a finalidade de habilitá-lo a relacionar-se positivamente com a própria sexualidade.

4 - PLANEJAMENTO FAMILIAR

A decisão sobre o número de filhos que uma mulher deseja ter, ou mesmo se não deseja procriar, ou se até deseja procriar fora do casamento constitui, hoje, polêmica nacional.

Pesquisa feita pelo Instituto Gallup e publicada em 1977 evidenciou que 8 em cada 10 cariocas e 7 em cada 10 paulistanos aprovaram sem restrições os métodos de limitação da natalidade mais conhecidos, aprovação esta em tendência crescente de 1967 a 1977, como se pode ver nos quatro quadros apresentados a seguir.

QUADRO I

Atitude diante dos Métodos de Limitação de Filhos

São Paulo	1967	1971	1974	1976	1977
Aprovam	63	63	70	72	74
Desaprovam	28	24	28	22	22
Não têm opinião	9	3	2	6	4 por cento
RIO DE JANEIRO				1976	1977
Aprovam				73	74
Desaprovam				22	19
Não têm opinião				5	3 por cento

FONTE: Instituto Gallup, 1977.

QUADRO II

Adesão à Política Governamental de Limitação da Natalidade

São Paulo	1967	1971	1974	1976	1977
A favor	46	51	61	65	70
Contra	40	48	37	29	27
Sem Opinião					
Outras Respostas	16	1	2	6	3
RIO DE JANEIRO	1976	1977			
A favor	64	72			
Contra	28	25			
Sem Opinião					
Outras Respostas	8	3			

FONTE: Instituto GALLUP, 1977.

QUADRO III

Motivos de Aprovação de Uso de Métodos Anti-concepcionais

MOTIVOS	S.P	R.J.
O custo de vida está muito alto no Brasil, não se tem condições de sustentar muitos filhos	23	34
Péssimas condições financeiras/salários baixos	23	23
Não se tem condições para dar boa educação	14	13
As pessoas passam fome/crianças abandonadas	10	9
Há perigo de excesso de população	6	3
Outras respostas	10	10
Não apontaram motivos	2	1
Desaprovam/não sabem dizer	26	22

FONTE: Instituto GALLUP, 1977.

QUADRO IV

Favorabilidade ao Uso de Pílulas

SÃO PAULO	1967	1971	1976	1977
Aprovam	44	52	62	61
Desaprovam	39	45	32	33
Não têm opinião/ Outras respostas	17	3	6	6
RIO DE JANEIRO	1976	1977		
Aprovam	70	70		
Desaprovam	28	26		
Não têm opinião/ Outras respostas	4			

FONTE: Instituto GALLUP, 1977.

Concluiu-se, ainda, que no Rio de Janeiro, 34% e em São Paulo 23% dos sujeitos consideraram o custo de vida muito alto, não possibilitando condições de "sustentar muitos filhos"; 23% de cariocas e paulistanos apontaram os salários baixos e as condições financeiras desfavoráveis como causas prováveis da limitação de filhos; 13% de cariocas e 14% de paulistanos afirmaram a impossibilidade de se dar boa educação a muitos filhos.

Conforme os dados divulgados, de 1974 a 1977 o número "ideal" de filhos tem decrescido nas duas populações: 55% dos cariocas e 41% dos paulistanos têm preferência por apenas dois filhos. Registrou-se, porém, tendência por maior número de filhos entre pessoas de baixo poder aquisitivo e baixo nível de instrução. O mesmo se observou entre pessoas idosas.

Grande parte dos entrevistados desaprovou o uso de métodos anticoncepcionais por motivos éticos ou religiosos. Também argumentou-se que o número de filhos deveria ser decidido livremente pelos casais e que a Igreja é contrária à limitação da natalidade.

O uso da pílula anticoncepcional foi aprovada pela maior parte das duas populações.

Outra grande investigação, a maior já feita no Brasil com objetivos demográficos, a Pesquisa Nacional sobre Reprodução Humana, atingiu nove regiões específicas: Parnaíba rural e urbana, no Estado do Piauí; Conceição do Araguaia, no Pará; área urbana do Recife, em Pernambuco; Cachoeiro do Itapemirim, no Espírito Santo; Santa Cruz do Sul, rural e urbana, no Rio Grande do Sul; área urbana de São José dos Campos e área rural de Sertãozinho, ambas no Estado de São Paulo.

Essas áreas foram rigorosamente selecionadas com vista a se obter um painel completo das diferentes situações econômicas existentes no País. O que se evidenciou de mais significativo é que a necessidade de planejamento familiar então desejada, assim ocorria em função da persistência da pobreza das populações.

A comparação dos censos de 1960 e 1970 já fornecia indícios desse fenômeno: a proporção da população de 0 a 5 anos caiu de 16% para 14,9% no período. Em 1979, os demógrafos atentavam que a taxa brasileira de fecundidade diminuíra 26% de 1970 a 1976.

Restava, porém, saber em quais faixas de rendas estaria se concentrando a retração da natalidade. O resultado da pesquisa demonstrou que as mulheres procedentes de famílias

mais pobres estavam tendo menos filhos, como se pode ver claramente no Quadro V.

QUADRO V

Evolução da Natalidade por Faixa de Renda

Renda Mensal Familiar	Filhos por mulher 1970	Filhos por mulher 1976	Variação (%)
Até 1 salário mínimo	7,66	6,11	- 20,2%
Mais de 1 até 2 salários	6,06	5,94	- 2,0%
Mais de 2 até 5 salários	3,85	4,07	+ 5,7%
Mais de 5 salários	2,30	2,54	+ 10,4%

FONTE: IBGE e Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

Sete áreas das nove investigadas apresentaram uma queda da taxa global de fecundidade. Entre 1970 e 1975, a natalidade caiu 20% em Conceição do Araguaia, no Pará; 44% em Santa Cruz, no Rio Grande do Sul e 39% em Sertãozinho, no Estado de São Paulo.

Elza BERQUÓ, demógrafa e orientadora da pesquisa, afirmava, na ocasião, que qualquer dúvida sobre a influência do nível de pobreza na queda da natalidade poderia ser desfeita com base em dados complementares, como por exemplo o baixo peso das crianças nascidas nas várias regiões e que se explicaria pela deficiência alimentar das mães e carência generalizada em todas as regiões do País. Acrescente-se a este quadro, o recurso ao aborto e à laqueadura das trompas, fato crescente entre as mu-

lheres de baixa renda nos últimos anos.[38]

Segundo Milton NAKAMURA, a percentagem de mulheres casadas que haviam recorrido à amarração das trompas cresceu de 11% em 1965 para 24% em 1978, esterilizações essas que em sua maioria (58%) foram realizadas pelo INPS e em hospitais municipais freqüentados, em sua maioria, por mulheres de baixa renda.[39]

No Brasil, de 1970 a 1980, quando a taxa de crescimento econômico foi elevada, o número de mulheres que se incorporou à População Economicamente Ativa, anualmente, cresceu à taxa média de 6,92%, enquanto o número de homens elevou-se em 3,1%. No mesmo período, ou seja, de 1970 a 1980, a taxa de fecundidade no País caiu de 5,76%, em 1970, para 4,35%, em 1980.[40]

A queda foi acentuada tanto na área urbana quanto na rural.

Em 1970, a taxa de fecundidade das mulheres da área urbana estava em 4,54% e, em 1980, em 3,63%. Na zona rural, a fecundidade era em 1970 de 7,72% e, em 1980, de 6,4%.

A queda na área urbana se deve à incorporação das mulheres no mercado de trabalho, fato que não explica a ocorrência do fenômeno também na zona rural, explicado tão só pela distribuição e uso de anticonceptivos. Em 1980, a População Economicamente Ativa estava em 43.2 milhões. Os homens representavam 31.3 milhões (72,61%) e as mulheres, 11,8 milhões (27,3%). Em 1982, o total da PEA era de 49.8 milhões, com os homens perfazendo um total de 33,7 milhões e as mulheres 16.08 milhões.[41]

Deduz-se, portanto, que a limitação de filhos está associada a mecanismos utilizados pelas mulheres para enfrentar as dificuldades da vida econômica.

As classes mais esclarecidas evoluíram de uma forma consensual pela limitação da natalidade bem antes que técnicas anticonceptivas modernas estivessem no mercado e estas vêm sendo amplamente utilizadas pelas classes menos favorecidas à medida em que a crise econômica se acentua.

Além disso, tem havido também neste setor ingerência bastante grande dos países do Primeiro Mundo, sobretudo dos Estados Unidos. Esta ingerência estende-se a todos os países do Terceiro Mundo e está presente em todas as áreas da atividade humana e especialmente nas de Planejamento, Informática, Saúde e Educação.

Para coibir abusos, alguns pontos fundamentais foram adotados pelas nações representadas na Conferência do Ano Mundial da População em 1974:

1. Não se deve poupar esforços para combater a mortalidade;

2. As políticas demográficas pertencem ao estrito âmbito de cada Estado-membro da ONU;

3. Os casais têm o direito de decidir quanto ao número de filhos que desejam ter;

4. A assistência internacional no campo populacional não deve prejudicar outros tipos de assistência para o progresso social e econômico dos países em desenvolvimento.[42]

Fica evidente, portanto, que é vedado aos países ricos exigirem dos mais pobres medidas imorais de controle da natalidade, como por exemplo o abrandamento dos esforços de saúde

pública com vistas a assegurar, via mortalidade, um menor contingente demográfico.

A maior controvérsia entre os países gira em torno da idéia de se limitar ou não a produção. Segundo a teoria de transição demográfica, a taxa de natalidade tem baixado naturalmente nos países desenvolvidos a medida em que se eleva o padrão de vida. A argumentação dos teóricos é que a melhoria da qualidade de vida tende a provocar o declínio da motivação para se formar famílias muito grandes.

Entretanto, o controle populacional não é medida capaz de, por si mesma, garantir o desenvolvimento econômico.

Outra teoria argumenta que os problemas demográficos envolvem também fatores genéticos que escapam ao controle humano: enquanto o planejamento da natalidade é bem aceito e realizado pelas classes mais favorecidas não só no aspecto econômico, mas também nos de educação, saúde e nível de inteligência, nas classes menos abastadas e também menos favorecidas quanto à utilização e acesso aos equipamentos sociais e, em vista da miséria vivida antes da concepção, durante a gestação e, depois, durante toda a infância, também menos desenvolvida física e intelectualmente, ocorre resistência ao planejamento familiar e quando há um empenho na limitação da natalidade, muitas vezes esta é procurada e feita de modo incorreto.

Sendo assim, o que poderá vir a ocorrer é que a classe menos favorecida sob todos os aspectos viria a crescer demograficamente. Incapazes fisicamente, incapazes de aprender e de pensar, esse contingente acabaria por constituir-se uma ameaça aos recursos naturais da terra.

Segundo GASTALDI, fundamentado no pensamento de HERRE-

RA, quando a pressão da população sobre os recursos naturais é muito grande, o que importa é a potência de consumo e não o volume de indivíduos. Nessa instância, no Brasil, país de baixo poder aquisitivo, a pressão sobre os recursos naturais será menor dada a sua baixa potência de consumo de bens materiais.[43]

Ainda conforme GASTALDI, *"a oferta e demanda de recursos naturais é institucionalmente condicionada pelas fronteiras políticas, ou seja, o fato de existir na Índia um superpovoamento, não impede que o Brasil seja um país subpovoado com extensas áreas totalmente inaproveitadas."* [44]

Os argumentos usados pelos defensores do planejamento familiar são quase sempre os mesmos e parece ser consensual que o que o País precisa é minimizar ou eliminar os grandes problemas sociais causados pela miséria urbana, pelo favelamento e o abandono de menores. Propõe-se, então, a limitação da natalidade.

Entretanto, a causa central desses problemas sociais não está na miséria ou na densidade demográfica dos grupos de baixo poder aquisitivo. Estas são, sim, decorrência da falta de planejamento social e econômico, da má distribuição da riqueza e da ausência de justiça e igualdade sociais.

No Estado do Paraná, o planejamento familiar iniciou-se em julho de 1981, a partir da distribuição gratuita de pílulas anticoncepcionais pela Secretaria de Estado da Saúde e do Bem Estar Social.

O programa, coordenado pela doutora Zilda ARNS NEUMANN, visava a "paternidade responsável" e atendeu inicialmente a 5 mil mulheres de Curitiba através da divulgação dos métodos anticonceptivos naturais e artificiais, uso de anticoncepcionais e aplicação de dispositivos intra-uterinos.

Em 1983, o presidente João FIGUEIREDO recebeu projeto de planejamento familiar de autoria da senadora Eunice MICHILES e feito sobre os resultados do I Congresso Brasileiro de Proteção Materno-Infantil e Planejamento Familiar realizado naquele ano em Brasília.

Os pontos fundamentais do projeto são:

1 - Oferecer à população informações sobre reprodução humana e sexualidade, a partir dos bancos escolares:

2 - Esclarecer que a família pode e deve ser planejada;

3 - Propiciar anticoncepcionais às famílias de baixa renda, salvaguardado o direito de o casal escolher o que melhor lhe convier.

Em 1984, paralelamente à implantação do Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher, cuja finalidade é desenvolver campanha de planejamento familiar a nível nacional, a Sociedade Civil do Bem-Estar Familiar - BENFAM e o Centro de Pesquisa de Assistência Integrada à Mulher e à Criança - CPAIMC, foram denunciadas em Comissões Parlamentares de Inquérito, segundo as quais 99% das mulheres de Estreito, no Maranhão, e de missões presbiterianas teriam sofrido aplicação de dispositivos intra-uterinos.

A BENFAM foi fundada por médicos brasileiros em 1965, declarada de utilidade pública em 1971 e vem sendo financiada por empresas estrangeiras como a WESTINGHOUSE, norte-americana, e pela poderosa Federação Internacional de Planejamento Familiar, sediada em Londres.

Em artigo publicado pelo Jornal do País, de Brasília, no dia 16 de julho de 1984, o deputado Affonso Celso NOGUEIRA MONTEIRO denunciava o CPAIMC como *"uma entidade mantida pelo imperialismo, através de organismos empenhados nas pesquisas sobre o controle da natalidade, como é o caso do United Nations Found for Population Activities."* [43]

Segundo o deputado, o CPAIMC distribui pílulas anticoncepcionais, coloca o DIU e esteriliza mulheres em massa. E mais: um dos objetivos do Fundo Monetário Internacional - FMI - no Brasil é exatamente a redução do crescimento populacional.

E, realmente, a Carta de Intenções do FMI para o ano de 1983 diz claramente que

> *a fim de amenizar os sérios problemas sociais criados pela combinação de uma alta taxa de expansão demográfica com um ritmo lento de crescimento doméstico, as autoridades tencionam estimular as atividades econômicas e o emprego em 1983 e nos anos subseqüentes especialmente através de*
>
> *(1) aumento das exportações, através de combinaçao de uma política cambial e de ampla assistência financeira e técnica;*
>
> *(2) apoio continuado à agricultura, buscando, a elevação dos investimentos e da produtividade no setor;*
>
> *(3) redução do grau de incerteza e fortalecimento da confiança do empresário, criando as condições favorárveis para a retomada do investimento no setor industrial;*
>
> *(4) política salarial destinada ao aumento do emprego; e*
>
> *(5) políticas de preço destinadas a estimular a produção.*

> *As autoridades esperam um crescimento mais elevado e auto-sustentado durante o sefundo e terceiro anos do acordo, ampliado, na medida em que as limitações, impostas pela situação internacional se abrandem e as modificações estruturais comecem a ser implementadas.*
> .....
> .....
> .....
> *No segundo e terceiro anos do acordo ampliado, as autoridades brasileiras visarão a um maior fortalecimento da posição externa do país. O déficit em conta corrente deverá reduzir-se para cerca de 1,5% do PIB em 1984 e 1% em 1985m o déficit neste último ano será equivalente a cerca de US$ 4 bilhões. Essa mudança nas contas externas irá reduzir substancialmente o crescimento da dívida externa brasileira e permitirá superávits moderados no balanço de pagamentos, o que reconstituirá, ainda mais, as reservas cambiais.* [46]

É evidente que a política demográfica imposta pelo FMI colide com os interesses nacionais e os direitos fundamentais da pessoa humana de decidir sobre o próprio corpo e sua descendência.

A propósito, sabe-se hoje que a iniciativa do Governo na área da contracepção foi provocada pelo receio de que o assunto caísse em mãos de entidades privadas e, portanto, viesse fugir ao controle do Estado.[47]

Finalmente, o planejamento familiar certamente deve abranger tanto a saúde como a educação e o lazer. O direito ao trabalho, à alimentação, à saúde, à educação, à moradia, à liberdade de organização e expressão tem repercussões definitivas sobre o desenvolvimento cultural, socio-econômico e político de uma nação. Só depois de tê-lo devidamente atendido, os casais terão condições reais para planejar a família e isto só

se tornará viável à medida em que as pessoas adquiram uma verdadeira consciência crítica para proceder a leitura da realidade em que estão inseridas.

CAPÍTULO III

TELENOVELA E SEXUALIDADE

O mal da ficção é que ela faz sentido demais. A realidade nunca faz sentido.

ALDOUS HUXLEY

CAPÍTULO III

TELENOVELA E SEXUALIDADE

1 - OS NOVOS COSTUMES

As telenovelas aqui analisadas foram as veiculadas pela TV-Globo, de 1974 a 1984, julgadas mais significativas, ora no sentido de maior audiência, ora quando de maior pertinência aos temas da sexualidade.

A escolha da TV-Globo deveu-se ao fato desta emissora ter o maior nível de audiência e, conseqüentemente, atingir um público bastante vasto e de todas as camadas sociais.

Procurou-se não perder de vista os critérios pertinentes ao meio televisivo e a forma pela qual estão relacionados com os conteúdos das telenovelas. Assim, levou-se em conta o horário em que são levadas ao ar, a estratégia da emissora (econômica), o público a ser atingido, as faixas etárias atingidas, o mercado publicitário, a elaboração técnica (critérios de bom gosto, velocidade, ritmo, atualidade), a obtenção de objetivos da emissora, qualidade artística, entretenimento, contribuição para o progresso cultural e ampliação do mercado de trabalho para a criação nacional.

Quanto aos conteúdos, elegeu-se por temas principais a emancipação da mulher, a aceitação do prazer sexual, a igual-

dade entre os sexos, a legitimidade da masturbação, os desvios sexuais, o aborto e o planejamento familiar. Buscou-se relacionar esses conteúdos ao momento histórico brasileiro sobretudo no que respeita à política natalista dos últimos governos.

As telenovelas que alcançaram grande audiência em 1974 —— "O Espigão", "O Bem Amado" e "A Grande Família"---, dado o modo como focalizaram a vida da sociedade brasileira, retratando seus costumes, tipos sociais e valores, podem ser consideradas como redutos de resistência da cultura brasileira.

Em "A Grande Família", de Oduvaldo Viana Filho, Affonso GRISOLLI e Armando COSTA, representou-se a família de classe média baixa, carioca, estereotipada, mais ponto de referência do que família-padrão. Deu-se grande ênfase à mulher e sua numerosa prole, sacrificada e sem vida própria, dedicada a resolver os problemas quotidianos (custo de vida, moradia, desemprego, baixo salário, condução, tarifas, impostos, aposentadoria, etc.) com a ajuda dos numerosos membros da família.

O tema de "O Bem-Amado", de Dias Gomes, revelou os costumes, ambiente e problemas da comunidade interiorana. O coronelato, as falsas beatas, o cangaceiro e a luta contra as arbitrariedades das autoridades constituídas, condensam o universo de conflitos de uma trama que não aprofunda a reflexão sobre as suas verdadeiras causas. Nesse contexto, as irmãs Cajazeira, principais personagens femininas, não têm idéias próprias, sequer a vereadora, e representam o falso moralismo da cidade, como se pode ver de trecho da sinopse a seguir.[48]

—— Olá!
—— Preciso falar com você, Odorico. Acho que aconteceu o que eu temia.
—— Não me venha com entretantos, dizendo que suas irmãs descobriram!
—— Pior, Odorico. Muito pior. Estou grávida. Você vai ser pai.
Odorico, que começava a saborear o licor, engasgou, tossiu, perdeu o fôlego. Judicéia veio correndo lá de dentro... e bateu em suas costas... levantou-lhe os braços... e, Nossa Senhora!, sujou toda a roupa. Com esse acidente, as outras duas ficaram ali do lado, o assunto morreu por aí. O jantar foi servido. O prefeito, sério o tempo todo. Tinha de arrumar um jeito de sair dessa. Dulcinéia, por sua vez, não estava muito preocupada, pois tinha certeza de que seu Barba-azul iria honrar a palavra dada num momento de êxtase.

—— Olha —— insistiu Dulcinéia ——' eu devo estar no máximo de dois meses, ainda dá tempo de casarmos e dizer que o menino nasceu de sete meses.
—— Casar?!
—— Ou você acha que vou ser mãe solteira?
—— É. É um assunto assazmente delicado. Mas a senhora não vai ser mãe solteira. Isso eu garanto. —— O olho de Odorico denunciava que ele já tinha maquinado algum plano para empurrar a responsabilidade a alguém.
—— Quando vamos ao médico, Odorico?
—— Pode ser amanhã. Amanhã embarcamos pra Salvador.
—— Eu não posso viajar assim, tão depressa. Tenho de preparar o terreno lá em casa... inventar uma desculpa... pra dar... a minhas irmãs.

O problema da gravidez indesejada é resolvido através do casamento de Dulcinéia com o secretário ingênuo do prefeito, na realidade o pai da criança (pg. 25 da sinopse).[47]

As irmãs se apressaram em abraçar Dulcinéia. Odorico, assumindo o papel de protetor da castidade das donzelas de Sucupira, chamou Dirceu às falas:
—— Muito bonito, seu Dirceu!
Ele tentava se justificar ao prefeito e Dulcinéia se explicava com as irmãs.
—— Du, o que você tem?
—— Está sentindo alguma coisa?
—— Estou exausta.
—— O senhor se excedeu, seu Dirceu!
—— repreendeu o padre.
E as irmãs queriam saber de tudo, mas Dulcinéia não queria falar nada.

A personagem Cordélia, na telenovela "O Espigão", mostrou uma mulher totalmente dependente do marido, supercicial e diminuída pelo fato de não ter filhos.

Essas produções tiveram sérios problemas com a Censura, à época muito intensa, dado o regime militar.

Em 1974, "A Grande Família" quase foi retirada do ar, considerada *"popularesca"* por demais e também por contrariar um dos pontos mais importantes do Governo GEISEL, o da limitação da natalidade.

Em 1975, a morte do jornalista Wladimir HERZOG no DOI-CODI de São Paulo emocionou a opinião pública e provocou um movimento de indignação geral. Em meio à violência da repressão, a telenovela "Minha Doce Namorada", de clima absolutamente romantico, restaurava o equilíbrio psíquico da nação, abalada pela onda de sequestros, prisões, torturas, desaparecimentos, mortes e guerrilhas. Ainda assim, a TV-Globo sofreu forte censura, tanto interna quanto externa, culminando com a implantação de padrões de programação para todos as emissoras e pontos do País. Implantou-se o conceito de rede, com a oligopolização

do setor nas mãos de um reduzido grupo de pessoas.

Nesse mesmo ano (1975) e por força da censura, em lugar da telenovela "Roque Santeiro", de Dias Gomes, que trata do misticismo popular e dos interesses políticos e econômicos de sua exploração, colocou-se a novela "Selva de Pedra", de Janete Clair, de natureza romântica e sem cunho político. Com isso e a partir daí, nacionalizou-se o gênero do folhetim, espelho simbólico das emoções humanas.

Dizia JUNG que

> *a mente humana expressa sua parte inconsciente através de símbolos e imagens, arquetípicos (porque correspondem a sentimentos e a tensões psíquicas muito fundas no inconsciente individual ou no coletivo) e até em gêneros aparentemente inocentes, como nos contos de fadas estão expressões dessas tensões de opostos da mente.*[50]

A dramaturgia de Janete CLAIR é francamente maniqueísta, debatendo-se inexoravelmente entre o Bem e o Mal, sempre extremos. Nessas expressões psíquicas conflitivas, o público encontra símbolos inconscientes de fácil identificação consciente, razão pela qual as tramas dessa autora mais se parecem com contos de fadas: amores impossíveis que, afinal, se realizam; casamentos felizes entre pessoas de níveis sociais radicalmente opostos; pessoas extremamente pobres que enriquecem da noite para o dia, etc., etc. e tal.

Em "Selva de Pedra", o trabalho feminino não é visto como um direito, o prazer como opção não existe e o casamento se confunde com destino. A sexualidade, por sua vez, é sempre identificada com a maternidade e o axioma que a norteia é "amar é

sofrer". O drama é sempre individual, jamais social; as relações sociais são transformadas em relações pessoais: se o patrão abusa da operária, o que fica em pauta não é a estrutura social injusta, mas sim a perversidade individual.

O sucesso de 1976 foi "Pecado Capital", também de Janete Clair, que pretendia o aprofundamento dos sentimentos individuais das personagens.

Lucinha, a personagem central, muda de nível social através do casamento. A passividade da mulher é uma constante e segue um ciclo pré-determinado: primeiro é a purificação, através de uma série infinda de sofrimentos e, ao final, uma felicidade imorredoura.

As idéias do destino e do acaso são permanentes. O casamento é o fato principal e o amor sempre permite a ascensão social da *"mocinha"*, idéia aceita nas classes menos favorecidas, como se pode ver de trecho da sinopse logo a seguir:[51]

> *Lúcia correu para dentro de casa, e ele atrás; lá o bate-boca comeu solto, com Emilene e seus pais participando. Lúcia se defendeu como pôde. Disse que Nélio tinha mentido, que não esperava sair um cartazão daqueles. Carlão não aceitava a coisa de jeito nenhum. Foi quando Emilene confessou que a irmã tinha sido chutada da fábrica por sua causa. A revelação foi uma verdadeira bomba e Lúcia percebeu que, de alguma forma, justificava seu desejo de trabalhar em outra coisa, de procurar subir na vida. Só Carlão se manteve irredutível, junto com seu Orestes. Os dois achavam que, com o que ele ganhava no táxi e com o que ela ganhava na fábrica, podiam se casar e viver mais ou menos bem.*
> —— *Mas agora não tem mais fábrica! Será que vocês não entenderam, pombas?!*
> —— *Mas afinal, o que é que você quer? Casar com um milionário?* —— *perguntou Carlão.*
> —— *Só quero deixar de ser pobre!*

Ainda nesse ano, a telenovela "O Grito", de Jorge de ANDRADE, de natureza social, obrigou o público a sair da passividade. Nela, as personagens femininas assumem sua condição de mulher contemporânea, lutando com coragem pela própria liberdade e afirmação na vida. São, finalmente, personagens com capacidade para sentir os dramas e limitações alheios: uma delas, Dona Marta, mulher sozinha, luta pela integração e dignidade do filho excepcional; a aeromoça, outra personagem, trabalha e reivindica seu direito ao amor; a nora e a mãe, confinadas nos estreitos limites do apartamento, tentam o estabelecimento de relações humanas mais sensíveis, todas heróinas distantes das submissas personagens anteriores, todas elas símbolos ou de *"sex-appeal"*, ou de dependência, ignorância e martírio.

Os filhos, sempre em número reduzido (um ou dois), aparecem como problemas: ora é o filho doente e excepcional, ora são os filhos marginais da empregada doméstica.

"O Grito" não teve sucesso. O público, acostumado ao entretenimento, quando se exigiu reflexão sobre temas sociais, negou-se a participar, sentiu-se traído e irritou-se.

"O Casarão", de Lauro César MUNIZ, foi a novela que fez a análise do comportamento da mulher brasileira em épocas históricas diferentes. O ambiente retratado passou pela implantação da cultura cafeeira no início do século, do desbravamento do sertão até a organização dos primeiros diretórios políticos. Nela, o comportamento da mulher submissa de 1900, sujeita até mesmo a castigos corporais, evolui para o da mulher de classe média, preconceituosa, superficial, repressora e reprimida, até que, em 1976, emerge uma nova mulher, mais inteligente, independente e consciente de seus direitos e lutas pela dignidade de sua própria vida.

Essas mulheres são mostradas ao longo de três gerações: a avó, Maria do Carmo, quando jovem, é chicoteada pelo pai apenas por ter passeado com um rapaz que não era de seu agrado; Alice, a filha, põe acima da felicidade dos filhos a prestação de contas à sociedade e, finalmente, Carolina, a neta, luta por seu próprios valores, desquitando-se do marido que a infelicita, negando-se à manutenção de aparências e buscando, enfim, uma vida de maior autenticidade e satisfação pessoal.

O relacionamento entre as personagens que formam o triângulo amoroso com Carolina sofre cortes em dois capítulos e a causa real do desquite —— a insatisfação sexual —— é vedada ao público, uma vez que o insatisfeito com o relacionamento não é o homem, mas sim a mulher.

A passagem do amor juvenil para o amor adulto, a inferioridade da mulher face ao marido e o amor egoísta e incapaz de compreensão do outro são as três temáticas da telenovela "Despedida de Casado", de Walter George DURST, gravada em 1977. Foi retirada da programação e substituída por outra novela de Janete CLAIR: "Duas Vidas" que mais uma vez, tratou as paixões humanas com superficialidade e de acordo com o sistema ideológico vigente.

O ano de 1978 não apresentou mudanças significativas quanto ao tratamento dos temas, apesar da suspensão da censura prévia.

Abertas as possibilidades de expressão há tantos anos bloqueadas, surgiu em 1979 "Malu Mulher", de Armando COSTA, cujo tema são as lutas, acertos e desacertos de uma mulher descasada, intransigente na defesa de sua dignidade pessoal e de sua participação no desenvolvimento da sociedade.

Os episódios de *"Malu Mulher"* trataram, nessa instância, da emancipação feminina, de sua discriminação no trabalho, do machismo, da aceitação do prazer sexual, do aborto, do homossexualismo, dos preconceitos morais e raciais e dos conflitos da adolescência, entre muitos outros assuntos.

Na mesma época, Gilberto BRAGA, autor da telenovela "Dancing Days", tratou de aprofundar-se na problemática da ex-presidiária em busca de reintegração social. A ascensão social da personagem, entretanto, ocorre através de um casamento por conveniência. Na trama, o verdadeiro amor é impossível acontecer e a telenovela segue em clima folhetinesco até o fim.

Em 1980 "Coração Alado", de Janete CLAIR, passou rapidamente pelo tema do estupro e da masturbação, mas o público reagiu com violência, mostrando-se conservador.

Na ocasião, um grupo de senhoras entregou ao Ministro da Justiça um manifesto contendo 100 mil assinaturas e no qual se pedia uma especial atenção para o que, segundo elas, ocorria tanto na televisão, quanto nos cinemas e revistas.

Segundo elas, está ocorrendo principalmente no vídeo:

> *uma profunda inversão de valores. Valoriza-se a infidelidade conjugal (que as crianças já aceitam como rotina). O desamor familiar, onde são mostradas cenas de estupro, masturbações e troca de casais".*

Elas esqueceram, no entanto, que a programação de um canal de televisão é optativa, à medida que todos os aparelhos têm um botão seletor que, como o próprio nome diz, permite uma seleção de imagens à escolha do espectador e um interruptor que, em último caso, pode ser acionado. É exatamen-

te como afirmou o Deputado Airton SOARES, líder do PT na Câmara Federal: *"Se em todos os canais predominar a imoralidade, desliga-se o aparelho de TV".* [52]

Público e artistas também reagiram, agora em sentido contrário à submissão das heroínas de Janete CLAIR: [53]

Angela Maria de Oliveira
Empregada Doméstica

Não voltaria para esse tipo de homem. O Juca fez uma palhaçada com a Vivian, deixando-a de lado quando ela mais precisava. Ela está parada no tempo e ele é um mau-caráter que deveria acabar sozinho.

Cristina Monteiro
Secretária

Impossível voltar, porque isso significaria uma humilhação maior. A Vivian não enxerga o egoísmo do Juca. É cega demais para o meu gosto.

Alcione (cantora)

Eu acho que a Janete Clair coloca a mulher como a imbecil do dia. A Vivian, por exemplo, topa tudo. Na minha opinião, tanto ela como a Catucha tinham mais é que morrer, porque não dá para agüentar isso. Eu já tinha mandado o Juca Pitanga andar há muito tempo. Só mesmo em novela acontece isso. Não suporto a subserviência das duas.

Adalgisa Teruzkin (ex-miss)

É muito difícil dizer algo quando se está de fora. Só quem está emocionalmente envolvido pode resolver o problema. No meu caso, acho que não voltaria por amor-próprio. O amor de Vivian não foi importante para Juca, a ponto de ele ter preferido casar-se com outra mulher. E para mim, amor é como planta: tem que ser regado todos os dias.

Débora Duarte (atriz)

Gosto das respostas lacônicas: se eu fosse capaz de amar, seria capaz de voltar.

Yvonne Bonato (dona-de-casa)

Não voltaria de jeito nenhum. O Juca é um cara que não sabe o que quer. Subiu a custa da Catucha e iludiu a Vivian. Mesmo morrendo de amor há limite para tudo. Eu partiria para outra.

Ainda nesse mesmo ano, também Gilberto BRAGA traça em "Agua Viva", o perfil de uma nova mulher: Lígia (Betty Faria) assume uma relação amorosa mais equilibrada, lutando por sua libertação sexual, profissional e pessoal.

Na verdade, Lígia parece representar a mulher da classe média urbana brasileira em permanente luta por sua dignidade.

Essa nova postura continua em "Jogo da Vida" com Jordana (Glória Menezes) que, abandonada pelo marido, ao invés de desesperar-se e autopenitenciar-se, procura equilibrar sua vida através do trabalho e da disponibilidade para um novo amor. Até mesmo sua filha adolescente incorpora novos valores, ignorando o mito do príncipe encantado em suas relações de amor.

Em "Elas & Elas", de Cassiano Gabus MENDES, de 1982, a personagem central —— Yeda (Cristina Pereira) —— é mulher que não encontra a si mesma pelo medo de **ser**, até que controla sua insegurança e finalmente de dispõe ao amor, agora refletido e em permanente construção, não mais o sonho tolo e romântico, mas uma instância da vida que exige comprometimento, luta e reflexão.

Raquel (Irene Ravache), ao contrário, vive à saciedade em "Sol de Verão" as ansias geradas do encontro consigo mesma: mais receptiva, mais inteligente e mais sensual, ela se separa do marido, com quem nem tem relacionamento amoroso-sexual satisfatório, e, logo a seguir, liga-se a outros homens, sem manter vínculo nem compromisso com qualquer um deles.

Entretanto, seu ex-cunhado passa a considerá-la "disponível" e considera-se com direitos a "usufruí-la", como se vê de trecho da sinopse: [54]

Germano

___ *Existe uma necessidade fisiológica no amor, a gente não é criança, sabe disso muito bem.*

(Entra mais, brincando e se aproximando. Rindo).

Mas podia ser escolhido melhor, Raquel. Uma pessoa que pelo menos não desse na vista. Eu sou homem: entendo o que é isso. Te falei que estava às ordens... pra qualquer coisa.

(Durante todo o tempo, Raquel percebeu claramente o jogo de Germano, mas sua indignação é maior do que a sua raiva. Chega a achar risível Germano).

Raquel

___ Você não está falando sério.

Germano

___ *Ah, Raquel, somos duas pessoas adultas!*

Raquel

___ Eu sei que você é daqueles sujeitos que dá em cima de todo mundo, mas não posso acreditar que...

(Germano (vai cercando)

___ *Há muito tempo, sua boba! Curto você desde que te conheço! Será que você nunca percebeu lá em Petrópolis?*

Raquel (ainda achando mais ridículo do que grave)

___ Ora, se eu tivesse percebido alguma coisa eu teria falado com o Virgílio!

Germano

___ *Mas agora não tem Virgílio. Estamos só nos dois, Raquel, quem é que vai saber?*

(Cercou mais e ela se levanta, agora achando que está sério demais!

Raquel

___ Ah, meu Deus do céu, estava me faltando só isso. Só porque me separei, não mereço respeito! Você ia lá em casa, beijava a minha mão, respeitosamente, nem mesmo um palavrão você falou perto de mim, nunca! E agora, só porque eu... Eu sempre soube que isso acontecia com os melhores amigos do marido, mas não pensei que um irmão chegasse a tanto!

(Firme.)

Germano: vê se cria vergonha!

Germano

(Ataca direto agora)

___ *Que diferença faz eu o outro qualquer?*

Raquel

___ Uma diferença muito simples: de você eu não gosto!

Germano

___ *Uma mulher que escolhe um mecânico grosso como aquele não pode ficar desprezando ninguém!*

(Tenta alcançar)

Raquel

___ Tira as mãos de cima de mim!

Germano

___ *Pelo menos eu sou da família. Vai Raquel, deixa de frescura!*

E ela lhe dá uma violenta bofetada na cara. Duas bofetadas sonoras e inesquecíveis.

Ele fica com raiva e tenta agarrar Ra-
—> quel, mas ela empurra uma cadeira contra ele, abre a porta e sai correndo da sala.

Germano está com raiva, mas mantém um sorriso cínico ainda.

Junto de Horácio, um de seus namorados, Raquel fala de sua disposição para o prazer, um prazer real, derivado de sua sensibilidade, sensações e busca de si mesma e da unidade:[55]

Rachel

___ Posso fazer o meu café especial para você? Ainda não comprei o licor!

Horácio

___ *Prefiro o café.*

E descontraem-se um pouco, olhando-se e rindo.

Horácio

___ *Às vezes tenho vontade de entrar dentro de sua cabeça. Saber o que você está pensando.*

Rachel

___ Está pensando que vai encontar uma cabeça difícil.

(Ri.)

Nada mais fácil. Acho mesmo que não penso, durante todo o dia, em mais do que meia dúzia de coisas fixas. Sempre as mesmas: Minha filha, meu trabalho... as coisas comuns, que todo mundo pensa. Você também deve pensar todos os dias na sua filha e no seu trabalho?

(Ele concorda.)

Depois, as coisas circunstanciais, que se renovam todos os dias. Tenho que mandar lubrificar o carro. Tenho que ir ao médico, ao destista.

(Ri.)

Preciso comprar uma boa variedade de licores, que o Horácio gosta.

(Pausa)

Horácio

___ *Jura que você pensa em mim, mesmo que seja para comprar licor?*

Rachel

(Rindo)

___ Ah! Horácio, claro que sim! E não só para comprar licores.

(Pausa)

Penso em você... com todo carinho. Gosto muito de você.

Olham-se. Ela quebra.

Vou fazer o café.

E sai. Ele fica pensativo. Entra o tema bonito, do amor.

Os dois terminam de tomar o café. Há uns biscoitinhos também, tudo bem doméstico.

Eles puseram uma música bonita na vitrola e ela está muito à vontade, sentada no chão xicará de café no chão, de frente para Horácio, que está a vontade também, mas menos informalmente.

Rachel

___ **Tomamos um pileque de café.**

Horácio

___ *Eu acho que se pode tomar um pileque de qualquer coisa. O negócio é aqui, na cabeça. O Drummond tem um poema que diz mais ou menos isso. Que o que embebeda não é o alcool, são as confidências...*

Rachel

___ **Mas nós não fizemos nenhuma confidência!**

(Pausa)

Mas você está me olhando com cara de quem espera que eu faça alguma!

Riem.

Quem é que vai para São Paulo com a gente, já está certo?

Horácio

___ *Nós dois, o Abel... talvez a Glorinha, não sei. Por quê?*

Rachel

___ **Se fôssemos sozinhos poderíamos ir de trem.**

É tão inesperado que ele nem percebe.

Horácio

___ *Mas se perde uma noite inteira de viagem.*

Rachel

___ **Ou se ganha.**

(Pausa)

Rachel

___ Sabe de uma coisa, Horácio? Se você não fosse tão casamenteiro, tão preocupado com as aparências, com aquilo que os outros vão pensar ou dizer... eu acho que gostaria de ter uma relação com você.

Ele está literalmente para morrer de espanto, mas procura manter a calma.

É. Acho que nós dois... assim em termos epidérmicos... nós damos certo. Temos a mesma educação, um certo refinamento... gostamos de muitas coisas iguais ou parecidas. As pessoas que nos conhecem devem pensar que formamos uma boa dupla. Veja o Heitor: ele não tira da cabeça que eu e você... Porque pra ele — e eu entendo muito bem disso — pra ele eu só poderia gostar de você e não dele.

Horácio

___ *No entanto, não é, verdade.*

Rachel

___ Mas também não é mentira. Se eu pensasse novamente em segurança doméstica, em passar a vida olhando pra cima e não vendo nada aqui embaixo, então acho que você seria a opção certa para mim.

Horácio

___ *Mas como você não pensa...*

Rachel

___ Eu estou num momento muito especial da minha vida, Horácio. Acho que muitas mulheres da minha idade estão assim. Quero me agradar, me fazer feliz... com um certo egoísmo, sem pensar muito, entende? Sem encucar! Não entendo muita reflexão para se fazer uma coisa instintiva, que deve dar prazer em primeiro lugar.

Aproximou-se dele, talvez de joelhos, como se quisesse explicar mais de perto alguma coisa. Ficam assim, no chão, muito próximos, os dois ajoelhados ou sentados sobre os joelhos.

Se eu desejo você e você me deseja, isso deve ser tão importante quanto descobrir uma estrela nova no céu. Talvez amanhã ao voltar ao telescópio, ela já não esteja mais lá. Entende? Mas hoje, ao descobri-la, o coração deve ficar cheio de uma grande alegria.

A música cobriu tudo isso de maneira fantástica. Eles estão muito próximos.

Rachel

___ Há um beijo rápido, outro, outro, todos muito rápido, como se procurassem uma posição melhor para um beijo longo.

Olham-se.

Rachel

___ Entendeu bem o que eu disse?

Horácio

___ (faz que sim)

Quem não gostaria de descobrir uma estrela nova todos os dias?

Mais beijos rápidos, mais beijocas do que beijos. Olham-se.

Rachel

___ Mas sem se preocupar se ela vai estar lá no céu, outra vez, amanhã, ou se vai ter desaparecido, sabe Deus onde, na imensidão do universo!

Mais beijocas. Ainda se procuram, tentam localizar-se melhor. Hesitam.

Rachel

___ Nós temos muitas semelhanças na vida real: um casamento desfeito depois de muito tempo. Uma única filha. Mais ou menos o mesmo grau de instrução e a mesma inteligência, modéstia à parte. Temos idades próximas. E agora, até o mesmo tipo de trabalho. Será que tudo isso tem um significado, ou são apenas coindicências?

Horácio

___ *Acho que só pagando para ver.*

E um primeiro beijo mais longo. Não muito ainda.

Horácio

___ *E a Geny...*

Rachel

___ Ela me avisou que não vem para casa esta noite.

(Pausa)

Que é que há? Pensa que só você tem o direito? Deixa que ela procure os caminhos dela também!

E aí, então, finalmente, após uma pausa em que ele concorda que o argumento de Rachel está correto, acontece o

> longo beijo de amor. Música lá em cima envolvendo tudo. Progressão do beijo, etc.

Nesse mesmo ano, Gilberto Braga aborda em "Brilhante" o tema do homossexualismo. Nela, Inácio (Dênis Carvalho) luta entre ser o que é ou ser o que querem que ele seja. Sua existência debate-se em permanecer no sistema ou sair dele.

Nessa mesma telenovela, Luísa (Vera Fischer), mãe solteira, assume sua condição com o apoio de alguns membros da família.

"Eu Prometo", de Janete Clair, completada após sua morte por Dias Gomes, também mostrou uma personagem feminina —— Kelly (Renée de Vielmond) —— descasada, com um filho, grávida do amante e que resgata a ternura na relação afetiva. É uma mulher que procura conciliar o trabalho com o amor e com a qual milhões de telespectadores se identificam. No último capítulo, já com o filho nascido e realizada profissionalmente, é, finalmente, assumida pelo amante, que se separa da mulher Darlene (Dina Sfat) que, por sua vez, dispõe-se a um novo amor.

Surge "Guerra dos Sexos", de Sílvio de Abreu, no horário de maior audiência. A trama é feminista: independentes e autônomas, as personagens femininas são mulheres inteligentes e bem sucedidas na profisão e nos negócios. São também extremamente sedutoras e apaixonadas, lutando sem intimidação pela igualdade dos sexos: Charlô (Fernanda Montenegro), diretora-presidente de uma grande rede de lojas, Roberta (Glória Menezes), diretora de uma fábrica de confecções finas e Juliana (Maitê Proença), belíssima na mesma proporção de seu tino para os negócios e a administração empresarial. Todas as demais personagens femininas têm seu próprio trabalho e estão empenhadas

numa acentuada competição entre si e com os homens. Todas elas se assumem donas de seus corpos e de sua sexualidade: Juliana mantém romance com um homem casado sem sentimento de culpa e Roberta, mulher madura, assume seu amor por um homem bem mais jovem, apoiadas ambas por Charlô, uma mulher que vê imoralidade apenas na ausência do amor e no jugo de uma pessoa por outra.

Em "Vereda Tropical", também de Sílvio de Abreu, duas personagens femininas sofreram revisão da censura: Bina (Georgia Gomide), mãe dos rapazes, viúva e dona de uma cantina e Bárbara (Rosamaria Murtinho), mãe de Leopoldina, duas mulheres maduras, libertas e conscientes que se relacionam com personagens masculinas de muito menos idade.

Outras personagens femininas mais jovens também fogem da norma instituída: Angelina relaciona-se com um homem casado, Catarina descobre o prazer sexual e Verônica dá prioridade a esse mesmo prazer.

A atriz Lucélia Santos vive Silvana, uma personagem voluntariosa, mãe jovem abandonada pelo marido, operária e líder sindical que enfrenta o patronato por reivindicações da classe.

"Partido Alto", de Glória Perez, trouxe ao vídeo Sulamita (Marilu Bueno), de andar sensual, consciente do desejo despertado nos homens. Sulamita, porém, vive mais em função da solidariedade. Mais uma vez, a Censura objetou a relação de uma mulher madura com um homem mais jovem também nessa novela.

Izildinha (Célia Regina) mulher da personagem masculina central, anula-se em função do marido e da família, porém cansa-se desse papel, amadurece e procura, daí por diante, uma vida mais plena de dignidade.

2 - PLANEJAMENTO FAMILIAR E TELENOVELA

É sobretudo quanto à política natalista que se pode apreciar a evolução das telenovelas. Sabe-se que, antes do Governo GEISEL, o que se propunha ao nível até mesmo de segurança nacional é que não se obstasse de modo algum o crescimento populacional, com vistas a preencher os espaços vazios do País carentes de braços para o trabalho, tais como as regiões Amazônica e Centro-Oeste. Depois, com a exigência crescente do Fundo Monetário Internacional no sentido de que se **controlasse** a população no Brasil, a política natalista passou a ser de **manifesto planejamento familiar e disfarçado controle da natalidade.**

QUADRO VI

Cronologia das Iniciativas Governamentais e Privadas Relativas à Natalidade no Brasil.

ANOS	TIPOS DE INICIATIVA	INSTITUIÇÕES
1965-74	. Incentivo à Natalidade	Estado
1965-74	. Controle da natalidade	BENFAM (ent. privada)
1975-80	. Incentivo ao planejamento familiar	Estado
1975-80	. Controle da natalidade	BENFAM (ent. privada)
1980-84	. Incentivo à "paternidade responsável" - planejamento familiar mesclado de controle da natalidade.	Estado
1980-84	. Controle da natalidade	BENFAM (ent. privada)

FONTE: ROCHA, 1987.

Esse processo contraditório de incentivo e limitação à natalidade está refletido com clareza na mensagem aparentemente inocente da telenovela quanto ao número de filhos tidos por casais das diferentes classes socias (Quadro VII).

QUADRO VII

Número de Filhos das Personagens Principais ou Secundárias de Telenovelas levadas ao Ar pela TV-GLOBO, Durante o Período de 1974 a 1984.

Ano	Telenovela	Personagem	Classe Social	Nº de Filhos
1974	A Grande Família (Armando Costa e Oduvaldo V. Fº)	Mãe de família	média	5
		Empregada	baixa	6
	Espigão	Cordélia	alta	0
		Eulália	baixa	3
1975	Selva de Pedra (Janete Clair)	Mãe de Simone	média	1
		Mãe de Cristiano	baixa	3
		Mãe de Fernando	alta	1
	O Grito (Jorge Andrade)	Marta	média	1
		Empregada	baixa	3
1976	Pecado Capital (Janete Clair)	Salviano	alta	3
	O casarão (Lauro César Muniz)	Alice	média	1
		Carolina (avó)	média	1
		Carolina (neta)	média	1
1977	Duas Vidas (Janete Clair)	Leda Maria	baixa	2
	Locomotivas (Cassiano Gabus Mendes)	Kiki	alta	2
		Milena	alta	1
		Celeste	alta	0
		Margarida	média-baixa	1
1978	O Astro (Janete Clair)	Consolação	média-baixa	2
		Clô Hayala	alta	1
		Laura	média-baixa	3
		Lili	média-baixa	1

QUADRO VII (Continuação)
Número de Filhos das Personagens Principais ou Secundárias de Telenovelas levadas ao Ar pela TV-GLOBO, Durante o Período de 1974 a 1984.

Ano	Telenovela	Personagem	Classe Social	Nº de Filhos
1979	Malu Mulher (Daniel Filho e outros)	Malu - jornalista -	média	1
	Dancing Days (Gilberto Braga)	Júlia	baixa	1
		Marisa	alta	1
		Iolanda	alta	1 (adotivo)
1980	Coração Alado (Janete Clair)	Vivian	baixa	1
	Água Viva (Gilberto Braga)	Lígia	média	2
		Lourdes	alta	1
1981	Jogo da Vida (Sílvio de Abreu)	Jordana	média	1
		Cacilda	média-baixa	1
		Vieira	média	1 (adotivo)
1982	Sol de Verão (Manoel Carlos)	Raquel	alta	1
		Lourdes	alta	1
	Elas por Elas (Cassiano Gabus Mendes)	Helena	média	1
		Marcia	alta	2
		Carmem	média	2
	Brilhante (Gilberto Braga)	Luiza	baixa	1

QUADRO VII (Continuação)

Número de Filhos das Personagens Principais ou Secundárias de Telenovelas levadas ao Ar pela TV-GLOBO, Durante o Período de 1974 a 1984.

Ano	Telenovela	Personagem	Classe Social	Nº de Filhos
1983	Eu Prometo (Janete Clair)	Nelly	média	2
		Darlene	alta	3 (1 adotiva)
	Guerra dos Sexos (Silvio de Abreu)	Charlô	alta	1 (adotivo)
		Roberta	alta	1
		Felipe	alta	2
	Paraíso (Benedito Rui Barbosa)	Antero	média	1
		Angelo	alta	1
		Maria	baixa	6
	Louco Amor (Gilberto Braga)	André	alta	2
		Empregada	baixa	1
		Luis Carlos	média	2
		Patrícia	alta	1
1984	Transas e Caretas (Lauro César Muniz)	Francisca Imperial	alta	2
		Dusa	média	0
		Sofia	média	1 (adotivo)
		Alfredo	baixa	1
		Ana	média	0
		Liana	baixa/alta	1
	Amor com Amor se Paga (Ivani Ribeiro)	Gracie	alta	1
		Ernesto	alta	1
		Sílvia	alta	0
	Vereda Tropical (Sílvio de Abreu)	Silvana	baixa	1
		Catarina	alta	1
		Oliva	alta	2
		Maria de Paz	baixa	1
		Bina	média	4
		Mãe de Leopoldina	alta	
1984	Partido Alto (Glória Perez)	Izildinha	alta	2
		Isadora	alta	1
		Jussara	baixa	1
		Nancy	baixa	1

Fonte: ROCHA, 1987.

Como se vê, quanto mais alta a classe social (e o público se identifica com as personagens mais bonitas, mais charmosas, mais inteligentes e, portanto, mais educadas, mais sadias e melhor sucedidas), menor o número de filhos.

Na telenovela "Paraíso", todos os casais de classe alta têm um único filho e, enquanto eles têm uma vida alegre, cheia de bem-aventuranças, poder e prestígio, a lavadeira tem 6 filhos e um marido alcoólatra, operário desempregado.

É evidente o teor da mensagem.

Enquanto as telenovelas anteriores a 1974 apresentavam maior número de filhos e grande sofrimento quando não os tinham, as posteriores sofreram uma redução nesse número, embora 3 filhos fosse ainda o número ideal. Só personagens representando classes sociais menos favorecidas é que tinham não só muitos filhos, mas inclusive muitos problemas e falta de soluções.

A partir de 1979, em continuidade à política anti-natalista do Governo, reduziu-se esse número para apenas um filho por casal. Nos anos subseqüentes, esse número prevaleceu e até se reforçou a idéia de não se ter nenhum filho: de 1981 a 1984 começou-se, inclusive, a trabalhar com a idéia da adoção, coincindindo com o programa do PREV-SAÚDE.

Os relacionamentos amorosos entre casais maduros e entre mulher madura e homem mais jovem pressupunham dificuldade de gestação da mulher e reforçou as adoções.

Também a gravidez de mulher solteira foi desestimulada através de partos difíceis ou ocorrência de morte, sobretudo no caso de mulheres maduras. Com isso, pretendia-se influenciar a decisão da mulher em assumir o novo filho.

Por diversas vezes, enfatizou-se o mero prazer sexual e a não-assunção do casamento e de filhos.

Assim, o perfil da mulher inicialmente observado em 1974, em "A Grande Família", evoluiu da dona-de-casa, cheia de filhos e responsabilidades domésticas, dependente, desinformada e profissionalmente desqualificada, quase sempre de classe baixa, para a mulher de classe média e classe média alta, inteligente, esclarecida, incorporada à força de trabalho e razoavelmente independente.

A mulher é, agora, pessoa humana que se assume como dona de um destino em que pode intervir e cujo comportamento amoroso e sexual exige a plenitude nas relações e nos projetos comuns de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A verdade é um todo exigente.

HEGEL

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dois conceitos se ampliam no decorrer do trabalho —— o de cultura e o de ideologia.

Vive-se uma cultura diferente, própria da época atual, que se assemelha a uma tela de Van Gogh. As linhas são interrompidas, bruscas e rápidas, fragmentadas, desordenadas que se completam e compõem o desenho final.

O conhecimento, freqüentemente, se estabelece, também, fragmentário e caótico pelos M.C.M., num cadinho de culturas que tendem à sua universalização, em que pesem as incontestáveis diferenças entre os homes e suas comunidades.

Dois fatores que atuam na sociedade determinam a sua postura em direção ao futuro e ao novo: a sociedade de consumo e a informática.

E é sobre essa procura constante que a televisão age. Como uma espécie de veículo catalizador de reações que têm lugar nessa sociedade e que alteram, às vezes, substancialmente, o perfil da comunidade humana.

O conceito de ideologia não se esgota em *"sociedade enquanto aparência"* (Adorno), mas evolui para enquanto cidadão, o que transparece quando faz, diz e permite ou que lhe é permitido fazer e dizer.

No caso da Tevê aparecem nitidamente duas instâncias. A primeira é:

Liberal-democrática - a favor da expansão do mercado interno e da distribuição de renda, que amplia o mercado e a audiência;

Socializante - ao praticar a distribuição de bens culturais que têm contribuído para um padrão de gosto superior ao período pré-tevê e para um nível de informação inexistente antes;

Realista - ao reconhecer os limites de sua sobrevivência frente ao Estado, ainda mais que, no Brasil, não existe uma teoria de Comunicação, mas apenas uma teoria de Comunicação do Governo;

Nacionalista - ao oferecer conteúdo brasileiro, numa forma também brasileira; e

Urbana e cosmopolita - ao concentrar a produção ao estilo citadino e no eixo Rio - São Paulo.

A outra instância é burguesa, elitista, alienante e porta-voz do governo. Reconhece-se a difusão de uma visão escapista do mundo; de um país róseo (*"o milagre brasileiro"*); de estímulo ao consumo; de servidão às classes altas enquanto se sustenta na audiência das classes mais desfavorecidas.

Nas telenovelas, o que se revela é o núcleo dessa ideologia que, não obstante, sugere uma sociedade em transformação: do rural para o urbano; da pobreza para a classe média; da ignorância municipal para um nível razoável de informação mundial; da condição de massa para a de povo.

Tudo isso perpassa pela fluição do poder político-econômico do pluralismo social e do capitalismo, esse ainda com resquícios dos regimes autoritários (p. ex. um estatismo excessivo mesclado a idéias liberais).

Pelos conteúdos dos dramas televisivos representa-se a aparência de considerável parte da sociedade brasileira, em detrimento da ocultação da outra parcela que a opinião crítica reclama.

No entanto, a ética do comunicador tem, em seu núcleo normativo, uma regra simples: a comunicação deve enriquecer o homem e a comunidade, enriquecer no preciso sentido de torná-los mais humanos.

A telenovela, pelo que se viu, omite a conexão existente entre a sexualidade e os desejos e necessidades humanas.

As personagens, ao ignorarem os mecanismos que mantêm subjugados os instintos que levam à busca do prazer e que fazem parte dessa estrutura autoritária da sociedade, e quando se apropriam do próprio corpo não aceitando a manipulação dos seus desejos, são expostas a conseqüências dramáticas, por vezes, em proporções avantajadas, além daquelas proporcionadas pela vida real.

Nesse caso, ocorre um desestímulo à opção libertadora do caminho a seguir, tanto pelos adolescentes como pelos adultos.

Ou ainda, a sexualidade humana é tratada com superficialidade, sem que os seus conteúdos específicos se aprofundem-se em temas que requeiram tratamento mais humano.

O comportamento sexual transcorre nas tramas, por vezes, a nivel da genitalidade, estimulado tão somente pelo consumismo.

O afeto que humaniza os relacionamentos é posto de lado. Ora, o organismo como um todo é posto em função da sexualidade.

Assim, a liberdade de escolha da propria sexualidade, inerente ao ser, não é respeitada. São aceitas, tão somente, comportamentos sexuais sectorizados e cristalizados pela sociedade.

O sexo feminino ainda é o responsável pela procriação ou não. Não se tem notícia de conteúdo de telenovela abordando tema como a vasectomia, contribuição masculina para o problema da contracepção e reveladora da conscientização da parcela de responsabilidade desse sexo.

A mulher da classe média de maior poder aquisitivo e acesso às informações sócio-econômicas do pais é a que dita comportamentos novos às classes sociais baixas que já começam a entrever a conexão existente entre o sexo e o prazer, sem a concepção de filhos.

Não há controle de natalidade ostensivo, porém a ideologia da *"família pequena"* percorre os conteúdos referidos, e, subliminarmente envolvem a população. Sobretudo, reforçam o comportamento anti-natalista, como apoio ao combate inflacionário.

A liberação, portanto, dependerá tão somente da aceitação e compreensão pelos vários segmentos sociais, das formas do ser humano viver a sexualidade.

A telenovela poderá, nesse contexto, assumir papel relevante se os comportamentos sexuais dos personagens, estereotipados e nitidamente determinados pela hegemonia, evoluírem para arquetípicos, levando a população a desenvolver a consciência crítica e por conseqüência, ao discernimento e ao exercício da liberdade.

A telenovela não didatiza, mas os conteúdos veiculados informam e conscientizam.

A resposta não é imediata, é dada na prática, com o ser humano voltado para o outro, para o mundo, para as pessoas.

Uma personagem de telenovela, vivido por Fernando Torres revela: *"há que se tentar o diálogo quando a solidão é um vício"*, o que certamente exige coragem, colocar-se numa posição em que a opção por valores facilmente contestáveis e objetos de dúvida e discussão venha emergir contra si mesmo na dialética das relações pessoais.

No caso da libertação só existe a opção pelo risco e desmistificação dos mecanismos opressores da sexualidade que convertem o amor e a atração entre os seres em instrumentos de violência.

Dessa forma, os medos, as renúncias, as omissões, as fugas, os preconceitos, tão secularmente arraigados, poderão ser transmudados diante de uma postura simplória, ou seja, expor-se à natureza pura para a redescoberta de si próprio.

Nessa postura, o movimento para a liberdade virá através da energia de vida que flui através da sexualidade humana.

NOTAS DE REFERÊNCIAS

NOTAS DE REFERÊNCIAS

1 WIEBE, D. G. *Cultura de elite e comunicação de massa; novas perspectivas em comunicação.* São Paulo, Cortez, 1981. p. 156-7.

2 WIEBE, p. 158.

3 WIEBE, p. 60.

4 DAHL, G. citado por ORTIZ, R. A moderna tradição brasileira. *Folha de São Paulo. Folhetim.* São Paulo, (482):7, 04 maio 1986.

5 GRAMSCI, A. *A literatura e a vida nacional.* 3ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978. p. 43.

6 GRAMSCI, p. 62.

7 GRAMSCI, p. 95.

8 COHN, G. Os olhos e ouvidos do rei. *Folha de São Paulo. Folhetim.* São Paulo, (426):3, 17 mar. 1985.

9 COHN, p. 3.

10 COHN, p. 10.

11 GARAUDY, R. *O humanismo marxista; dialética e liberdade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1972. p. 265.

12 SODRÉ, M. *O monopólio da fala: função e linguagem da televisão no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 1977. p. 43.

13 SODRÉ, p. 44.

14 JUNGLE, T. Televisão; toques e dropes. *Folha de São Paulo. Folhetim*. São Paulo, (426):9, 17 mar. 1985.

15 JUNGLE, p. 9.

16 ECO, H. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo, Perspectiva, 1970. p. 263.

17 SALLES, W.J. *Sexo*. Rio de Janeiro, 1985. Entrevista concedida a TV Manchete.

18 SODRÉ, p. 21.

19 SODRE, p. 21.

20 SODRÉ, p. 25.

21 SODRÉ, p. 22.

22 SODRÉ, p. 43.

23 SODRÉ, p. 34.

24 SODRÉ, p. 56.

25
SODRÉ, p. 46.

26
ANDRADE, C.D. A usina de sonhos. *Revista do Teatro*, Rio de Janeiro, (454):24, maio/jun., 1985.

27
HALL, C.S. & LINDZEY, G. *Teorias da personalidade*. São Paulo, EPU, 1973. p. 62.

28
STOKE, S.M. An inquiry into the concept of identification. *J. Genet Psychology*, 1950, p. 76. Citado por GADE, C. *Psicologia do consumidor*. São Paulo, EPU, 1980. p. 36.

29
KOGAN, J. Development of concept. *J. Psychology*, 1960, p. 42. Citado por GADE, p. 36.

30
REICH, W. *A revolução sexual*. 6ª ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1980. p. 123.

31
CSHELSKY, P. *Moral e sexualidade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1969. p. 19.

32
CANELLA, P.R. Liberdade e repressão sexual. In: CAVALCANTI, R.C. & VITIELO, N. comp. *Sexologia I; textos do I Encontro Nacional de Sexologia*. São Paulo, Femina Livro, 1984. p. 56.

33
FOUCAULT, M. *História da sexualidade I; a vontade de saber*. Trad. Maria T. da Costa Albuquerque. 6ª ed. Rio de Janeiro, Graal, 1985. p. 102.

34
FOUCAULT, p. 104.

35
LAING, R.D. citado por CANELLA, p. 50.

36
SALES, J.M. Repressão. In: CAVALCANTI, R.C. & VITIELLO, N., comp. *Sexologia I; textos do I Encontro Nacional de Sexologia.* São Paulo, Femina Livro, 1984. p. 44.

37
SALES, p. 45.

38
BERQUÓ, E. O parto difícil: cai a natalidade entre as famílias mais pobres. *Revista Veja,* São Paulo, (581):139, 24 out. 1979.

39
BERQUÓ, p. 139.

40
MONTELLO, J. Expansão econômica ajuda no planejamento familiar. *Jornal do Brasil,* Rio de Janeiro, 03 mar. 1984. p. 16.

41
MONTELLO, p. 16.

42
REIS, J. Demografia e natalidade. *Diário de Notícias,* Rio de Janeiro, 02 jun. 1974. p. 21.

43
GASTALDI, J.P. Controle de natalidade e a realidade nacional; VI. *Gazeta do Povo,* Curitiba: 34, 21 nov. 1984.

44
GASTALDI, J.P. Controle de natalidade e a realidade nacional; VII. *Gazeta do Povo,* Curitiba: 34, 21 nov. 1984.

45
MONTEIRO, C.N.A. Guerra à natalidade. *Jornal do País,* (S.l): 5, 16 jul., 1984.

46
ENDIVIDAMENTO e negociaçao; na íntegra a carta de intenção ao F.M.I. *Jornal do Brasil,* Rio de Janeiro: 14, 07 jan., 1983.

47
GOVERNO assumirá o controle de natalidade. *Folha de São Paulo*, São Paulo: 38, 32 maio, 1983.

48
GOMES, A.D. *O bem amado*. Rio de Janeiro, Rio Gráfica, 1985. p. 14.

49
GOMES, p. 25.

50
JUNG, C. *O homem à descoberta da sua alma*. Porto, Tavares Martins, 1975. p. 389.

51
CLAIR, J. *Sinopse da novela pecado capital*. Adaptação de E. Borsato. Rio de Janeiro, Rio Gráfica, 1985. p. 12.

52
TAVARES, M. Janete Clair procura um assassino. *Revista Amiga*, Rio de Janeiro, (577):10, 10 jun., 1981.

53
TAVARES, M. Mais uma vitória do amor. *Revista Amiga*, Rio de Janeiro, (560): 9, 11 fev. 1981.

54
KABARITE, S. Um amor sem mistérios. *Revista Amiga*, Rio de Janeiro, (621):50, 03 fev., 1982.

55
KABARITE, S. Rachel conquista Horácio. *Revista Amiga*, Rio de Janeiro, (663):51, 02 fev., 1983.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

01 - ANDRADE, C.D. A usina de sonhos. *Revista de Teatro*, Rio de Janeiro, (454):24-6, maio/jun. 1985.

02 - AUGRAS, M. *Opinião pública; teoria e pesquisa*. 4ª. ed. Petrópolis, Vozes, 1980.

03 - BARROSO, C. Caminhando juntas; uma experiência em educação sexual na periferia de São Paulo. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, (45):30-50, maio, 1983.

04 - BARTHES, R. et alii. *Literatura e semiologia;* novas perspectivas em comunicação. Trad. Célia N. Dourado. Petrópolis, Vozes, 1972.

05 - BAUM, C. et alii. *A revolução sexual*. Petrópolis, Vozes, 1984. 147 p.

06 - BENJAMIN, W. *Sociologia da arte*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

07 - BERELSON, B. *Content analysis in comunication*. New York, The Free Press, 1950.

08 - BERQUÓ, E. O parto difícil; cai a natalidade entre as famílias mais pobres. *Revista Veja*, São Paulo, (24):126-141, out. 1979.

09 - BOFF, L. *Igreja; carisma e poder; ensaios de eclesiologia militante*. 3ª. ed. Petrópolis, Vozes, 1982. 249 p.

10 - BOSI, E. A opinião e o esteriótipo. *Contexto*, São Paulo, 2:94-104, mar., 1982.

11 - BOURDIEU, P. & PASSERON, J.C. *A reprodução*. 2ª. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1982.

12 - BRAGA, G. *Água viva.* Rio de Janeiro, Record, 1980, 388 p.

13 - BRODA, A. *Publicidade e dominação.* Rio de Janeiro, Cortez, 1980.

14 - BRUM, J.A. *O Brasil no F.M.I.* Petrópolis, Vozes, 1984.

15 - BRUSCHINI, M.C. Educação sexual; instrumento de democratização ou de mais repressão? *Cadernos de Pesquisa,* São Paulo, (36):99-110, 1981.

16 - CANELLA, P.R. Liberdade e repressão. In: CAVALCANTI, R.C. & VITIELLO, N., comp. *Sexologia I; textos do I Encontro Nacional de Sexologia.* São Paulo, Femina Livro, 1984. p. 31-59.

17 - CAVALCANTI, R.C. & VITIELLO, N., comp. *Sexologia I; textos do I Encontro Nacional de Sexologia.* São Paulo, Femina Livro, 1984. 149 p.

18 - CERES, G. *Espelho de venus; identidade social e sexual da mulher.* São Paulo, Brasiliense, 1981.

19 - CHATELET, F. *Logos e praxis.* Trad. Roland Corbisier. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1972.

20 - CHAUI, M. *O que é ideologia?* São Paulo, Brasiliense, 1983.

21 - CLAIE, J. *Sinopse da novela pecado capital.* Adaptação de E. Borsato. Rio de Janeiro, Rio Gráfica, 1985.

22 - COELHO, T. *O que é indústria cultural.* São Paulo, Brasiliense, 1981.

23 - COHN, G. Os olhos e ouvidos do rei. *Folha de São Paulo. Folhetim,* São Paulo, (426):3-8, 17 mar., 1985.

24 - COMPARATO, D. *Roteiro; arte e técnica de escrever para cinema e televisão.* 5ª ed. Rio de Janeiro, Nórdica, 1983.

25 - CSHELSKY, P. *Moral e sexualidade.* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1969.

26 - ECO, U. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo, Perspectiva, 1978.

27 - _____. *A estrutura ausente; introdução à pesquisa semiológica*. Trad. Pérola de Carvalho. São Paulo, Perspectiva, 1971.

28 - ELLIS, A. *O caminho para a libertação feminina*. São Paulo, IBRASA, 1981.

29 - ENDIVIDAMENTO e negociação; na íntegra a carta de intenção ao F.M.I. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro: 14, 7 jan., 1983.

30 - ENRICONE, D. et alii. *O ensino de valores*. Porto Alegre, PUC, 1976.

31 - FIRESTONE, S. *A dialética do sexo*. Rio de Janeiro, Zabor do Brasil, 1976.

32 - FOUCAULT, M. *História da sexualidade 1;* a vontade de saber. Trad. Maria T. da Costa Albuquerque. 6ª ed. Rio de Janeiro, Graal, 1985. 152 p.

33 - _____. *História da sexualidade 2; o uso dos prazeres*. Trad. Maria T. da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro, Graal, 1984. 232 p.

34 - _____. *História da sexualidade 3; o cuidado de si*. Trad. Maria T. da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro, Graal, 1985. 246 p.

35 - FREUD, S. *Três ensaios*. Trad. Jaime Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1969.

36 - GADE, C. *Psicologia do consumidor*. São Paulo, EPU, 1980. 186 p.

37 - GARAUDY, R. *O humanismo marxista: dialética e liberdade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1972.

38 - GASTALDI, J.P. Controle da natalidade e a realidade e a realidade nacional, VI. *Gazeta do Povo*, Curitiba: 34, 21 nov., 1984.

39 - GIKOVATE, F. *O amor nos anos 80.* São Paulo, MG, 1984.

40 - GOLDBERG, M.A.A. *Educação sexual; uma proposta um desafio.* 2ª ed. São Paulo, Cortez, 1984. 105 p.

41 - GOMES, A.D. *O bem amado.* Rio de Janeiro, Rio Cráfica, 1985.

42 - GOVERNO, assumirá o controle da natalidade. *Folha de São Paulo,* São Paulo: 38, 22 maio, 1983.

43 - GRAMSCI, A. *Literatura e vida nacional.* 3ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978. 243 p.

44 - GUARESCHI, P. *Comunicação & poder.* Petrópolis, Vozes, 1981.

45 - GULLAR, F. *Vanguarda e subdesenvolvimento.* Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1984.

46 - HALL, C.S. & LINDZEY, G. *Teorias da personalidade.* São Paulo, EPU, 1973.

47 - HORKHEIMER, M. Excertos. In: ADORNO, T.W. et alii. *Humanismo e comunicação de massa.* Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1970. p. 20-79.

48 - JUNG, C. *O homem à descoberta da sua alma.* Porto, Tavares Martins, 1975.

49 - JUNGLE, T. Televisão; toque e dropes. *Folha de São Paulo. Folhetim,* São Paulo, (436): 9-13, 17 mar. 1985.

50 - KABARITE, S. Rachel conquista Horácio. *Revista Amiga,* Rio de Janeiro, (663):49-52, 02 fev., 1983.

51 - _____. Um amor sem mistérios. *Revista Amiga,* Rio de Janeiro, (621):48-51, 03 fev., 1982.

52 - KRYNSKI, S. O adolescente diante de si mesmo. *Boletim do Centro de Estudos e Pesquisas em Psiquiatria,* São Paulo, 2(2):29-36, 1984.

53 - LAING, R.D. *A política da experiência e a ave do paraíso.* S.n.t.

54 - LEWINSOHN, R. *História da vida sexual*. Trad. Maria Lúcia de Barros. 3ª ed. Rio de Janeiro, Vicchi, 1966.

55 - LIMA, F.B.; PRIOLI, G. & MACHADO, A. *Televisão & vídeo*. Rio de Janeiro, Zahar, 1965. 80 p.

56 - LOBROT, M. *Os efeitos da educação*. Trad. C.C. Marques. Lisboa, M. Fontes, 1980.

57 - LOPES, E. *Somos o sexo que temos*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977.

58 - MCLUHAN, M. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo, Cultrix, 1969. p. 79.

59 - MEDRANO, J.G. & MADRIGAL, M.E.G. Planeación familiar en el Distrito Sanitario IV. *Salud Publica de Mexico*, México, 16(5):787-93, sep./oct., 1974.

60 - MIRANDA, R. & PEREIRA, C.A.M. *Televisão; as crianças e os sons; no ar, o Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1983. 131p.

61 - MONTEIRO, C.N.A. *Guerra à natalidade*. Jornal do País, (S.l.):5, 16 jul. 1984.

62 - MONTELLO, J. Expansão econômica ajuda no planejamento familiar. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 03 ago. 1984.

63 - MURARO, R. *A mulher brasileira diante do sexo*. Petrópolis, Vozes, 1983.

64 - ORTIZ, R. A moderna tradução brasileira. *Folha de São Paulo. Folhetim*, São Paulo, (482): 7, 04 maio, 1986.

65 - PACHECO, M.V. de A. *Controle da natalidade, imperialismo e o FMI*. Petrópolis, Vozes, 1985. 105 p.

66 - PAZ, O. *Signos em rotação*. 2ª ed. São Paulo, Perspectiva, 1976.

67 - PIGNATARI, D. *Semiótica e literatura*. 2ª ed. São Paulo, Cortez e Moraes, 1979.

68 - _____. *Telenovela, criação brasileira.* IN: MELHORES momentos da telenovela brasileira. Rio de Janeiro, Rio Gráfica, 1980. p. 16-35.

69 - PRADO, J.R. de. *TV; quem vê quem.* Rio de Janeiro, Eldorado, 1973. 260 p.

70 - PRETI, H. *A linguagem proibida; um estudo sobre a linguagem erótica.* São Paulo, T.A. Queiroz, 1980.

71 - QUEIRÓZ E SILVA, R.P. de, coord. *Temas básicos em comunicação.* São Paulo, Paulinas, 1983. 254 p.

72 - RECTOR, M. & TRINTA, A.R. Telenovela. *Diógenes,* Rio de Janeiro, (113):194-204, 1981.

73 - A REGULAÇÃO da natalidade. 4ª ed. São Paulo, Paulinas, 1968.

74 - REICH, W. *A revolução sexual.* Rio de Janeiro, Zahar, 1980.

75 - REIS, J. Demografia e natalidade. *Diário de Notícias,* Rio de Janeiro: 21, 2 jun., 1974.

76 - ROGERS, C.R. & ROSENBERG, R. *A pessoa como centro.* 5ª ed. São Paulo, EPU, 1977.

77 - SAFFIOTI, H.I.B. *A mulher na sociedade de classes; mito e realidade.* São Paulo, Quatro Artes Universitárias, 1969.

78 - SALLES, W.J. *Sexo.* Rio de Janeiro, 1985. Entrevista concedida a TV Manchete.

79 - SCHNEIDER, J.O. et alii. *Realidade brasileira; estudos de problemas brasileiros.* 7ª ed. Porto Alegre, Sulina, 1982.

80 - SCHRAMM, W. *Comunicação de massa e desenvolvimento.* Rio de Janeiro, Bloch, 1974.

81 - SODRÉ, M. *O monopólio da fala; função e linguagem da televisão no Brasil.* Petrópolis, Vozes, 1977.

82 - STEINBERG, C. *Meio de comunicação de massa.* Trad. O. M. Cajado. São Paulo, Cultrix, 1970.

83 - SUPLICY, M. *Conversando sobre sexo.* 7ª ed. Petrópolis, Vozes, 1983.

84 - TAVARES, M. Janete Clair procura um assassino. *Revista Amiga,* Rio de Janeiro, (577):10-7, 10 jun., 1981.

85 - _____. Mais uma vitória do amor, II. *Revista Amiga,* Rio de Janeiro, (560):90-15, 10 fev. 1981.

86 - TÁVOLA, A. da. *A liberdade do ver; televisão em leitura crítica.* Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984. 312 p.

87 - THOMPSON, J.J. *Anatomia da comunicação.* Trad. José M. Salazar. Rio de Janeiro, Bloch, c1969. 239 p.

88 - WEREBE, M. J. *A educação sexual na escola.* Lisboa, Moraes, 1977.

89 - _____. Implantação da educação sexual no Brasil. *Cadernos de Pesquisa,* São Paulo, (26):21-7, 1978.

90 - WIEBE, D.G. *Cultura de elite e comunicação de massa; novas perspectivas em comunicação.* São Paulo, Cortez, 1981.

91 - WRIGHT, C.R. *Comunicação de massa.* Rio de Janeiro, Bloch, 1976.